

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

**“Bebedeira do Fumo: o preço amargo do cultivo do tabaco”: Grande
reportagem multimídia sobre o impacto da produção de fumo na saúde de
trabalhadores rurais de Arapiraca-AL
(Projeto Experimental)**

Mylena Ribeiro Duarte

SÃO CRISTÓVÃO

2025

Mylena Ribeiro Duarte

**“Bebedeira do Fumo: o preço amargo do cultivo do tabaco”: Grande reportagem multimídia sobre o impacto da produção de fumo na saúde de trabalhadores rurais de Arapiraca-AL
(Projeto Experimental)**

Memorial Descritivo de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Sergipe como um dos pré-requisitos para obtenção de nota parcial referente à disciplina de COMSO393 - Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo II do curso de Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Michele da Silva Tavares

SÃO CRISTÓVÃO

2025

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Título do Trabalho: "Bebedeira do fumo - o preço amargo do cultivo do tabaco": Grande reportagem multimídia sobre o impacto da produção de fumo na saúde de trabalhadores rurais de Arapiraca-AL

Discente: Mylena Ribeiro Duarte

Ao 08 dia, do mês de abril do ano de dois mil e vinte e cinco, às 8 horas e 30 minutos, a banca examinadora reuniu-se no Auditório do Departamento de Comunicação Social, com a finalidade de proceder ao exame do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação da discente **MYLENA RIBEIRO DUARTE**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: presidente da banca e orientadora MICHELE DA SILVA TAVARES, GREICE SCHNEIDER (Primeira examinadora) e MESSILUCE DA ROCHA HANSEN (Segunda examinadora). Concluídos os trabalhos da defesa, procedeu-se a avaliação pela banca examinadora que em reunião fechada emitiu as seguintes notas:

BANCA EXAMINADORA	NOTA	ASSINATURA
Profª. Drª. Michele da Silva Tavares (Orientadora)	10,0	Michele S. Tavares
Profª Drª Greice Schneider (Primeira examinadora)	10,0	
Profª. Drª. Messiluce da Rocha Hansen (Segunda examinadora)	10,0	

Com base na média expressa acima, a discente foi considerada APROVADA, com média final 10,0.

Observação: Em caso de aprovação e após revisões, a banca examinadora recomenda que a cópia final do TCC seja encaminhada para depósito e publicação (depósito e arquivamento ou para depósito e publicação para consulta pública) no Repositório Institucional da UFS.

São Cristóvão, 08/04/2025.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por ter me guiado e me dado forças para não desistir, sei que sem Ele eu nada poderia ter feito.

À minha mãe, Vanessa Ribeiro, por me cuidar e me incentivar a estudar desde cedo, espero que um dia eu seja 1% da mãe que ela é para mim, sei que, mesmo com os mais de 4 mil km de distância, em nenhum momento eu estive fora das suas orações.

À minha avó paterna, minha voinha, Zeza, por me acolher, me incentivar, orar por mim e sempre mover os meios para que eu pudesse estudar em Aracaju, nada que eu faça irá pagar o que a senhora tem feito.

Ao meu pai, Milson Duarte, e sua esposa, Elaine Cristina, por sempre me apoiar, me acolher e me levar de um canto a outro de Arapiraca para que eu conseguisse as entrevistas para a reportagem, vocês tornaram tudo mais fácil.

À minha avó, Vaneusa Maria, uma das principais causas deste trabalho, seus muitos anos de trabalho com fumo em Arapiraca me motivaram a estudar e contar a real história do fumo.

Ao meu amor e companheiro, Salviano Resende, por toda atenção e cuidado comigo durante todo o processo, por sempre me incentivar a ser melhor e acreditar que eu conseguiria ir muito além do que eu imaginava.

À Geicyanny Martins e Mariana Bernardino, por confiarem no meu trabalho e me auxiliarem nas minhas idas até Arapiraca, vocês foram essenciais para esse projeto.

Aos pesquisadores Marcelo Moreno e Raquel Torres, do Centro de Estudos sobre Tabaco e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, cujo trabalho tem sido essencial no combate ao tabagismo em todo o mundo e foi importantíssimo no meu processo de apuração.

Aos meus amigos da Universidade, Sofia Gunes, Vinícius Aciole, Abigail Vieira, Fernanda Spínola, Iana Marcelly, Wendal Carmo, Carol Mundim e Marcela Souza, com quem eu pude compartilhar boas risadas, viagens e muitos trabalhos em grupo nos últimos quatro anos, e Amauri Lima, meu amigo e colega de estágio que estava comigo nos primeiros insights sobre a temática e sempre me deu todo apoio.

Aos meus amigos da Comunidade Adventista Conviva, agradeço por sempre orarem por mim, me apoiarem e acreditarem que eu era capaz de chegar até aqui.

À Profa. Dra. Michele Tavares, por ter me orientado com tanto zelo e dedicação, me ensinado tanto durante todo o curso e me confiado, por duas vezes, a missão de editora web de produtos laboratoriais, sem dúvidas foi isso que me fez chegar até aqui.

Aos professores do curso de jornalismo da Universidade Federal de Sergipe, por todo o empenho e dedicação no ensino, sem dúvidas cada um foi essencial para a minha formação. Em especial, aos professores Liliane Feitoza, Greice Schneider, Josenildo Guerra, Michele Becker e Messiluce Hansen, por terem me guiado em suas aulas, muitas vezes sem perceber, a olhar além da minha “bolha”.

A todos que me auxiliaram a realizar esse trabalho e, direta ou indiretamente, não me deixaram desistir.

“Lembre de Deus em tudo o que fizer e Ele lhe mostrará o caminho certo”.

(Provérbios 3:6)

RESUMO

Este memorial descritivo apresenta o registro do processo produtivo da grande reportagem multimídia *Bebedeira do Fumo: o preço amargo do cultivo do tabaco*, que aborda a problemática da produção de fumo para a saúde dos trabalhadores rurais dessa cultura, com recorte no município de Arapiraca-AL; o documento também aborda a questão fumígena em Alagoas que fundamentou a execução do projeto; a discussão a respeito da interferência da indústria do tabaco em veículos especializados em jornalismo de agronegócio e como os arranjos de jornalismo independente têm andado na contramão da mídia corporativa; a fundamentação conceitual a respeito do formato da grande reportagem multimídia e a metodologia utilizada no processo de apuração. Além disso, também são apresentados o projeto editorial, o projeto gráfico e o projeto fotográfico desenvolvidos para a produção da grande reportagem multimídia e formatação do site que faz a hospedagem do material. O especial multimídia visa tornar conhecida a real face desse tipo de produção, apontando seus riscos e as questões políticas e econômicas que perpassam a indústria do tabaco.

Palavras-chave: Grande reportagem multimídia; Fumo; Saúde do trabalhador rural; Doença da Folha Verde do Tabaco; Arapiraca-AL.

ABSTRACT

This descriptive memorial presents the record of the production process of the multimedia long-form report “Bebedeira do Fumo: the bitter price of tobacco cultivation”, which addresses the problems of tobacco production for the health of rural workers in this culture, with a focus on the municipality of Arapiraca-AL; the document also addresses the tobacco issue in Alagoas that formed the basis for the project's execution; the discussion about the interference of the tobacco industry in vehicles specializing in agribusiness journalism and how independent journalism arrangements have been going against the grain of corporate media; the conceptual foundation regarding the multimedia long-form report format and the methodology used in the reporting process. In addition, the editorial project, the graphic project and the photographic project developed for the production of the multimedia long-form report and formatting the website that hosts the material are also presented. The multimedia special aims to make known the real face of this type of production, pointing out its risks and the political and economic issues that permeate the tobacco industry.

Keywords: Multimedia long-form report; Tobacco; Rural worker health; Green Tobacco Sickness; Arapiraca-AL.

Lista de Figuras

Figura 1 - Região Fumageira de Alagoas no Agreste do estado.....	15
Figura 2 - Reportagem de capa do suplemento Agrícola do Jornal O Estado de São Paulo na década de 70.....	16
Figura 3 - Distribuição espacial das empresas de fumo na Região Fumageira de Alagoas em 1977.....	17
Figura 4 - Dinâmica de produção de fumo na Região Fumageira alagoana (1945 a 2005) ...	18
Figura 5 - Quantidade de fumo produzida em Arapiraca 2006-2023.....	19
Figura 6 - Home da reportagem do O Joio e o Trigo.....	22
Figura 7 - Home da reportagem da Agência Pública.....	22
Figura 8 - Home do site oficial do SindiTabaco.....	24
Figura 9 - Reportagem do SindiTabaco.....	25
Figura 10 - Home da editoria de fumo do Agrolink.....	25
Figura 11 - Editoria “Mundo do Trabalho” do Repórter Brasil.....	27
Figura 12 - Home da Grande Reportagem Multimídia Amazon UnderWorld.....	29
Figura 13 - Grande Reportagem Multimídia: Ameaças, Milícias e Morte, Repórter Brasil....	37
Figura 14 - Primeira versão do design da home.....	37
Figura 15 - Primeira versão da home da grande reportagem multimídia	38
Figura 16 - Versão final da home da grande reportagem multimídia.....	38
Figura 17 - Texto de abertura na home do site.....	39
Figura 18 - Apresentação dos eixos e rodapé.....	39
Figura 19 - Layout dos eixos da grande reportagem multimídia.....	40
Figura 20 - Ilustrações utilizadas no site.....	40
Figura 21 - Paleta de cores.....	42

Lista de Quadros

Quadro 1 - Artigos que orientaram a angulação da Grande reportagem multimídia.....	30
Quadro 2 - Visitas a Arapiraca e material coletado.....	32
Quadro 3 - Cronograma de atividades.....	33
Quadro 4 - Custos financeiros do projeto.....	36

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A QUESTÃO FUMÍGENA EM ALAGOAS.....	14
2.1 A problemática da cultura fumageira em Arapiraca.....	14
2.2 Saúde do trabalhador rural em pauta.....	19
3 JORNALISMO ESPECIALIZADO EM AGROPECUÁRIA E OS INTERESSES DA INDÚSTRIA.....	24
3.1 Na contramão do jornalismo agro.....	26
3.2 A grande reportagem multimídia.....	27
4 METODOLOGIA PARA APURAÇÃO.....	30
5 CONSTRUÇÃO DO PROJETO GRÁFICO E DO PROJETO EDITORIAL.....	34
5.1 Produto.....	34
5.2 Conceito e nome.....	34
5.3 Projeto editorial.....	34
5.4 Estimativa de custos do projeto.....	35
5.5 Público-alvo.....	36
5.6 Projeto Gráfico.....	36
5.6.1 Layout do site	36
5.6.2 Tipografia.....	41
5.6.3 Paleta de cores.....	41
5.7 Diretrizes de fotografia.....	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
APÊNDICES.....	49

1 INTRODUÇÃO

Os temas relacionados à saúde sempre despertaram minha curiosidade. Desde o primeiro período do curso de Jornalismo, procurava pautas que pudessem informar a população sobre os impactos de alguns hábitos e vícios na sua saúde física e mental. Mesmo quando eu tentava buscar outros ângulos para as reportagens, era como se a saúde “me chamasse” e eu sempre atendia. Com este trabalho não foi diferente, o chamado para trazer minha cidade natal e uma problemática que envolvia a saúde de trabalhadores do cultivo da planta que deixou o município conhecido nacionalmente como “terra do fumo”, foi mais forte do que eu.

Quando criança, via muitos salões que guardavam centenas de rolos de fumo no bairro em que eu morava, o cheiro forte de tabaco sempre incomodava e me dava dores de cabeça. Lembro-me de histórias que minha mãe contava sobre como cresceu acompanhando minha avó nos currais de fumo que ela trabalhava e como era um processo árduo e demorado. “Não tinha outra coisa para se fazer, minha filha, todo mundo tinha que trabalhar na roça e principalmente no fumo”, minha mãe dizia.

Eu nunca participei diretamente dos processos de produção de fumo, mas era impossível andar pela cidade sem ver um ou outro grupo de mulheres, sentadas no chão, conversando nas portas de casa enquanto colocava sobre as pernas as folhas de fumo para retirar os talos, ou os currais de fumo nos quintais das casa, com as folhas estendidas em varais de bambu, Arapiraca ainda era movida pela cultura do fumo.

Quando chegou o momento de escolher o tema para a execução deste trabalho, eu não tinha muitas certezas sobre o que iria fazer, mas eu sabia que queria falar de Arapiraca. E o que pode caracterizar melhor a “terra do fumo”, senão o próprio fumo? Foi a partir disso que iniciei as primeiras pesquisas documentais sobre o tema e me deparei com inúmeros problemas que envolviam os interesses lucrativos da indústria do tabaco, as diversas doenças que essa produção pode trazer para o trabalhador rural, e a ineficácia do serviço público de saúde em cuidar do bem-estar e monitorar doenças laborais sentidas pelos trabalhadores rurais dessa cultura.

“Como eu nunca ouvi falar sobre isso?”. “Será que os trabalhadores sabem dos riscos que eles sofrem com o cultivo?”. “O que tem sido feito para monitorar e diminuir esses riscos?”. Essas eram algumas das perguntas que eu me fazia à medida que encontrava mais e mais comprovações científicas a respeito do adoecimento causado pela produção do fumo. E

foram essas inquietações que me deram fôlego para seguir com o projeto experimental que culmina na grande reportagem multimídia “Bebedeira do Fumo: o preço amargo do cultivo do tabaco” (<https://anelym97.wixsite.com/bebedeiradofumo>)¹.

Vômitos, náuseas, tonturas e dor de cabeça, dores abdominais, diarreia, alterações da pressão arterial e da frequência cardíaca são alguns dos sintomas da Doença da Folha Verde do Tabaco, uma intoxicação cutânea causada pelo contato da pele com a nicotina presente nas folhas de fumo (Riquinho; Hennington, 2014). A intoxicação é cotidiana na vida de quem trabalha nas lavouras de fumo, e, no nordeste, é conhecida como “bebedeira do fumo”.

Segundo o portal Sinditabaco, o Brasil é o maior exportador de fumo do mundo desde 1993, e está entre os três maiores produtores mundialmente. Dados da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), também citados pelo portal Sinditabaco, indicam que, apenas na região sul, mais de 600 mil pessoas estão envolvidas na produção de tabaco. Em Alagoas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2023, o estado produziu 9.362 hectares de fumo, área equivalente a todo o município sergipano de Propriá. Os índices demonstram a importância de estar atento aos que estão escondidos nessas estatísticas: os trabalhadores.

A Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT), um tratado de saúde pública promulgado pela Assembleia Mundial da Saúde em 2003, estabelece, em seus diversos artigos, que os países signatários priorizem a proteção da saúde pública (INCA, 2015). O Brasil ratificou a CQCT em 2005, comprometendo-se a implementar as medidas previstas no tratado. Este trabalho se baseia, principalmente, nos artigos 17 e 18 da CQCT.

Artigo 17: *Apoio a atividades alternativas economicamente viáveis* - As Partes, em cooperação entre si e com as organizações intergovernamentais internacionais e regionais competentes **promoverão, conforme proceda, alternativas economicamente viáveis** para os trabalhadores, os cultivadores e, eventualmente, os varejistas de pequeno porte.

Artigo 18: *Proteção ao meio ambiente e à saúde das pessoas* - Em cumprimento às obrigações estabelecidas na presente Convenção, as Partes concordam em **prestar devida atenção**, no que diz respeito ao cultivo do tabaco e à fabricação de produtos de tabaco em seus respectivos territórios, à **proteção do meio ambiente e à saúde das pessoas** em relação ao meio ambiente. (INCA, 2015, p. 45, grifo nosso)

Apesar do comprometimento do país em reduzir os danos causados pelo tabaco e lutar contra o tabagismo, o país segue como o maior exportador de fumo por mais de 30 anos, e os

¹ O domínio do site ainda não é definitivo, para a execução do trabalho foi utilizada a versão gratuita do software Wix, que coloca o email do autor como domínio do site.

milhares de trabalhadores seguem sem auxílio e orientações adequadas de proteção, e sem um monitoramento concreto de intoxicações.

Por isso, o objetivo desta grande reportagem multimídia é enfatizar os riscos da produção de fumo para os trabalhadores rurais, utilizando como recorte geográfico a região fumageira do município de Arapiraca, a fim de dar mais visibilidade para os problemas enfrentados por esses trabalhadores, seguindo na contramão do que é mostrado pela mídia hegemônica, a fim de incentivar o poder público a cumprir os artigos do tratado nos municípios produtores de tabaco em todo o país. A grande reportagem multimídia está dividida em eixos temáticos: Abertura, que introduz o leitor na problemática abordada; Uma vida entre folhas de fumo, que traz relatos de trabalhadores rurais de fumo e aprofunda questões relacionadas ao adoecimento dos fumicultores; Do plantio à venda, que explica como ocorre o ciclo produtivo do tabaco em Arapiraca; Movimentos antitabagistas x indústria, que traz um panorama das pesquisas que constatarem o adoecimento causado pelo tabaco e aprofunda questões de interesses da indústria que atrapalham os processos.

Desse modo, neste memorial descritivo, trago as bases que solidificaram o projeto. Na primeira parte, são abordados os aspectos temáticos a respeito da questão fumígena que motiva a pauta da grande reportagem multimídia. Em seguida, são abordadas questões relacionadas ao jornalismo em agropecuária e aos conceitos de grande reportagem multimídia, escolhido para este projeto experimental. Por fim, são apresentados o projeto editorial, gráfico e fotográfico que guiaram a produção da grande reportagem multimídia. Justificativa do suporte, com as motivações para a escolha do formato e software de hospedagem do projeto; logo depois, desenvolvo o projeto editorial e gráfico.

A experiência de produção da grande reportagem multimídia permitiu observar parte de uma problemática mais ampla a respeito da saúde do trabalhador rural da fumiicultura e da influência da indústria na manutenção do sistema de produção atual, porém há outras camadas que podem ser abordadas em produções futuras, como aspectos mais aprofundados a respeito da relação entre dados de depressão e suicídios na zona rural e o cultivo de tabaco em Alagoas, já que há relação entre as intoxicações por agrotóxicos utilizados na produção de fumo e o desenvolvimento de quadros depressivos entre os trabalhadores (Riquinho; Hennington, 2014).

2 A QUESTÃO FUMÍGENA EM ALAGOAS

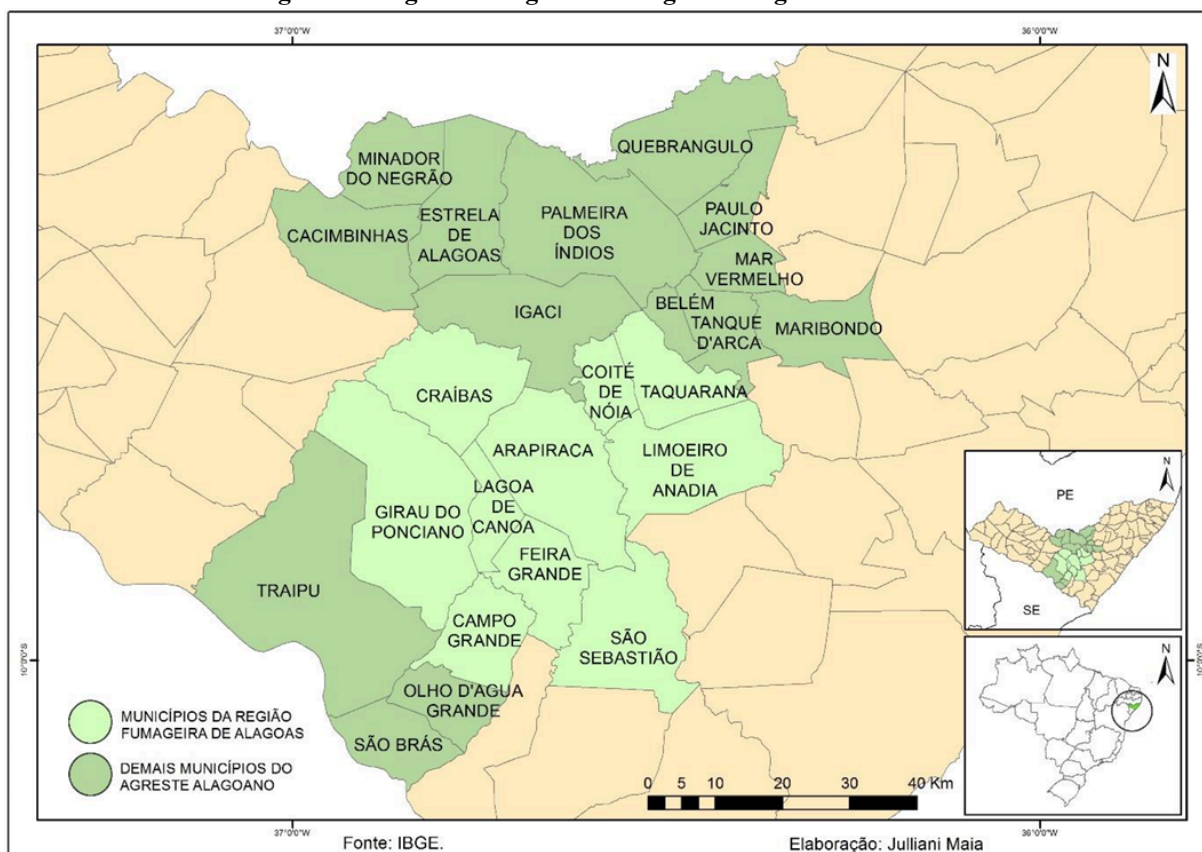
A Região Fumageira de Alagoas experimentou um alto crescimento econômico a partir da década de 1960, com o aumento da produção e da qualidade do tabaco. Em 1970, Arapiraca ficou conhecida como “terra do fumo” por ter a maior área de fumo plantada do país. Esse sucesso atraiu diversas multinacionais do setor e empregou milhares de pessoas, tanto no campo, quanto na indústria (Santos, 2014). No entanto, as condições de trabalho e a saúde desses trabalhadores da fumicultura foram negligenciadas pelas empresas e pelo poder público, e, até os dias atuais, as políticas de melhoria e atenção para esses trabalhadores não são colocadas em pauta.

2.1. A problemática da cultura fumageira em Arapiraca

Arapiraca está localizada no agreste alagoano, a 127 km da capital, Maceió, e é a segunda cidade mais populosa do estado, com 234.696 habitantes, segundo o censo de 2022 do IBGE. Atualmente, o município é conhecido pelo seu potencial comercial e econômico, e é uma cidade-polo entre os demais municípios da região (Santos, 2014).

Segundo Santos (2014), a chamada Região Fumageira de Alagoas é composta por 10 municípios que estão na área de influência de Arapiraca (Figura 1): Arapiraca, Craíbas, Coité do Nória, Campo Grande, Feira Grande, Girau do Ponciano, Lagoa da Canoa, Limoeiro de Anadia, São Sebastião e Taquarana. Segundo a autora, a região ficou conhecida dessa forma a partir de um censo realizado pelo IBGE entre 1940 e 1960, que registrou um aumento da produção de fumo nesses municípios.

Figura 1 - Região Fumageira de Alagoas no Agreste do estado



Fonte: Santos, 2014

A fama do fumo “bom” de Arapiraca se espalhou e foi eternizada através de obras de grandes artistas nacionais, como a performance oral “Samarica Parteira”, composta por Zé Dantas e interpretada por Luiz Gonzaga em 1973 no LP “Sangue Nordestino”, que conta a história de um parto no sertão nordestino. “Capitão barbiino! Capitão barbino tem fumo de Arapiraca? Me dê uma capinha pr' ela mastigar. Pegue d. Juvita, mastigue essa capinha de fumo e não se incomode! É do bom! Aguenta nas oração, muié!” (Dantas, 1973).

O fumo produzido na região é do tipo Burley, conhecido por ter um processo de cura diferente – em temperatura ambiente –, e que confere a ele um teor mais alto de nicotina, enquanto o do tipo Virgínia, comumente produzido na região sul do Brasil, tem um processo de cura com temperaturas mais elevadas, feitas em galpões, e que dá a esse tipo de fumo um teor de nicotina entre médio e alto (Paumgartten *et al*, 2017, p. 2). O município de Arapiraca teve destaque nacional quando o fumo da região foi tema da capa do suplemento agrícola do Jornal Estado de São Paulo, em 1975 (Figura 2), que, segundo a reportagem, foi um ano difícil para os produtores devido aos longos períodos de estiagem que dificultavam o crescimento da folha.

Figura 2 - Reportagem de capa do suplemento Agrícola do Jornal O Estado de São Paulo na década de 70

10 — SUPLEMENTO AGRÍCOLA — 1063

12-10-75 — O ESTADO DE S. PAULO

REPORTAGEM

CULTURA DE FUMO EM ARAPIRACA, AL.

Nos 130 quilômetros entre Maceió e Arapiraca, mais ou menos na direção sudoeste, nota-se a sucessão de canaviais, muitos plantados sem a destoca, que caracteriza as lavouras bem planejadas e de alta produtividade; há muitas matas nas áreas mais acidentadas, algumas bem fechadas ou compactas, pois não foram ainda exploradas.

Nas proximidades do rio São Francisco, a estrada se bifurca, indo à esquerda para Aracaju, em Sergipe, e, à direita, para Arapiraca, famoso município alagoano que concentra lavouras de fumo cada vez mais numerosas. Arapiraca planta fumo há cerca de 5 décadas, mas somente nos últimos anos a cultura tomou o grande impulso que deu azo à instalação de grandes entrepostos, armazéns para o processamento e embalagem do produto, visando especialmente à sua exportação para vários países europeus.

A área produz cerca de 40 mil toneladas de fumo, resultante do trabalho de 4 mil famílias cadastradas pelo Incra; a metade da produção se destina à elaboração de fumo em corda, enquanto a outra metade é exportada para a Europa, especialmente para capas de charutos. Essa diversificação se deve em grande parte ao trabalho de Elotseo Barbosa Lopes, que nasceu e vive entre plantas de fumo, sendo profundo conhecedor dos problemas de sua cultura, comercialização etc. Sua lavoura se estende por 30 hectares, ao redor da sede da Fazenda Santa Elisa, com 200 galpões para secagem em 3 longas alas.

Apesar das recomendações que sempre está disposto a fazer, a maioria dos agricultores cultiva fumo sem cuidados, sendo dos piores o processo de secagem que adotam, em geral feito em varais dispostos ou menos no mesmo sentido, mas variável de um lavrador para outro. Não há, pois, a preocupação de manter as folhas voltadas para o sol nascente e poente.

De modo geral, este ano as plantas não impressionam pelo desenvolvimento; são mesmo pequenas quando comparadas com as que se observam nas culturas do Sul. Isso se explica pelo excesso de chuvas caídas em 3 meses: cerca de 1.800 a 2 mil milímetros, contra a média normal de mil a 1.200 mm por ano. Durante o período em que se concentraram as chuvas, o desenvolvimento das plantas foi severamente prejudicado, embora não se notem problemas resultantes da expansão de moléstias ou pragas.

As lavouras são feitas em ca-

malebes, justificadas pela necessidade de maior exposição do solo ao vento a fim de que não haja encharcamento. As linhas das plantas situam-se em todas as direções, havendo grandes variações de umas quadras para outras devido ao período de colheita de folhas. Por isso, os varais estão com folhas penduradas, umas ainda verdes e outras bem secas; há naturalmente toda gama de secagem. Percebe-se que todo sítio se preocupa com o transporte do produto, pois os varais estão mais ou menos concentrados no meio de cada gleba.

A variedade cultivada é a arapiraca, resultado de cruzamentos naturais e de seleção empírica ante a falta de um trabalho oficial; há variações nas distâncias entre a inserção das folhas e pequenas diferenças na relação comprimento-largura.

A maior quantidade do produto colhido pelos sítios destina-se à elaboração do fumo em corda, de grande expressão econômica para a região, que supre todo o Nordeste; mas é pequeno seu valor em relação à produção nacional de fumo, destinada principalmente à indústria de cigarros. Os cigarros nacionais nada devem aos estrangeiros em matéria de qualidade e apresentação, embora haja, de parte dos fabricantes, a preocupação de dar-lhes nomes aliterados a fim de se firmarem no mercado e conquistarem as faixas mais sofisticadas de consumo.

As paltas são em geral saudas, embora se notem diferenças no estado das folhas mais próximas do solo, as sapatas, que estão mais atacadas pela alternária, moléstia comum nas solanáceas. As folhas baizeiras, meirais e ponteiros são destinadas à produção de fumo para capa de charuto ou cigarros.

Lavouras do grupo Elotseo Barbosa Lopes mostram a evolução por que a cultura e o processamento das folhas estão passando. Até não se replicam as mudas, que vão diretamente dos canteiros para os locais definitivos; as sementes, a que se juntam inseticidas, proporcionam mudas saudas, bem desenvolvidas, que, uma vez transplantadas, são regadas 3 a 4 vezes por dia. Não se dispensam a adubação orgânica e o fósforo antes da semeadura; vem depois a adubação nitrogenada, aplicada em pulverização, a qual inclui fungicidas contra a malva e é feita todos os dias devido à muita chuva nesse período. O transplante é realizado aos 45 dias, em locais determinados por uma

roda dentada; entre as linhas, a distância é de 1,20 a 1,30 m e, entre as plantas, de 60 a 70 cm. Para esse trabalho se dá preferência às mulheres e crianças, uma vez que os homens não se mostram cuidadosos na tarefa. Há sempre necessidade de um bom contato entre as raízes e o solo para que haja bom desenvolvimento das mudas.

Toda a área é adubada com minerais, especialmente fósforo, não se dispensando a adubação orgânica; as capinas são manuais, para manter a mão-de-obra necessária para a colheita e acondicionamento das folhas em cavaletes ou malas. Quarenta e cinco dias após o transplante, já há folhas para colher, as sapatas, as mais próximas do solo, as baizeiras e as meirais, para cigarros e charutos, e as ponteiros para fumo em corda.

Durante o ciclo vegetativo, de mais ou menos 80 a 90 dias, defendem-se as plantas contra mandarovas, largatas pretas, patrotas ou lacerdinas etc. com polvilhadeiras de grande potência, sem as quais não haveria condições para proteger a área tão grande. Nunca se utilizam produtos à base de cloro, pois o mercado europeu recusa qualquer partida com sinais desse elemento.

A colheita, como se disse, é feita depois de 45 a 50 dias do plantio, à medida que as folhas iniciam o processo de maturação; as folhas ponteiros, de maior concentração em suco celular ou ceró, são destinadas à produção de fumo em corda por darem cigarros mais fortes, apreciados pelos caboclos.

Não tem havido problema com moléstias, embora a mela seja uma ameaça com o tempo muito chuvoso. O moscão, comum quando não se cuidava devidamente da sanidade dos viveiros, não tem sido problema.

Os agricultores utilizam varais para a secagem do fumo, que aí fica 20 dias mais ou menos. Na Santa Elisa, Elotseo abriga as folhas colhidas em galpões, para que a secagem se processe somente à sombra, com o que se conseguem melhor qualidade e aparência do produto, condições essenciais para manutenção de seu prestígio no mercado internacional.

Cada planta produz de 26 a 30 folhas, até o início da inflorescência, das quais 15 a 17 podem ser aproveitadas para capas de charutos; são as de maior valor, pois não apresentam defeitos.

Lago após a colheita, os agricultores prendem as folhas em varais para a secagem, como na propriedade de Elotseo se adota a secagem em galpões, há aí armações para

a distribuição das folhas em malas ou cavaletes, onde elas ficam agrupadas ao longo de fios, de preferência plásticos. No primeiro caso, estende-se dois fios ao longo de uma haste metálica; como as folhas ocupam muito lugar, os fios são maiores que a haste; um dispositivo com 2 roldanas mantém os fios esticados. Os pedós das folhas, voltados para baixo, são postos entre os fios; com isso, as folhas caem ora para um lado, ora para outro, a cavaleiro da haste horizontal, bem presas entre esses fios e sem perigo de se destacarem; à medida que elas chegam perto do esticador, o colhedor remove este para a outra extremidade. Completada a carga de cada aparelho, o colhedor segura as duas pontas e transporta todas as folhas para as malas ou cavaletes, que podem ser dobrados quando em desuso. Desse modo, com mais aparelhos para conter as folhas e poucos para segurar as fiadas, poupa-se muito trabalho, sem prejudicar o produto. As malas são postas em caminhonetes para o transporte até os galpões, onde as fiadas são dispostas ao longo de varais fixos. Assim, as folhas chegam ao local de secagem em menos tempo e sem qualquer anormalidade, a fim de perderem água de maneira uniforme. Após 25 dias, elas estão amarelas, com ótima aparência, sendo então transportadas para Arapiraca, onde fermentam em grandes armazéns, para o processamento, classificação e acondicionamento em fardos destinados aos mercados internacionais. Esse trabalho vem sendo desenvolvido há 8 anos; as folhas estão secas quando o talo também o está; então elas têm a umidade suficiente para a fermentação, sem perigo de passar por processos prejudiciais.

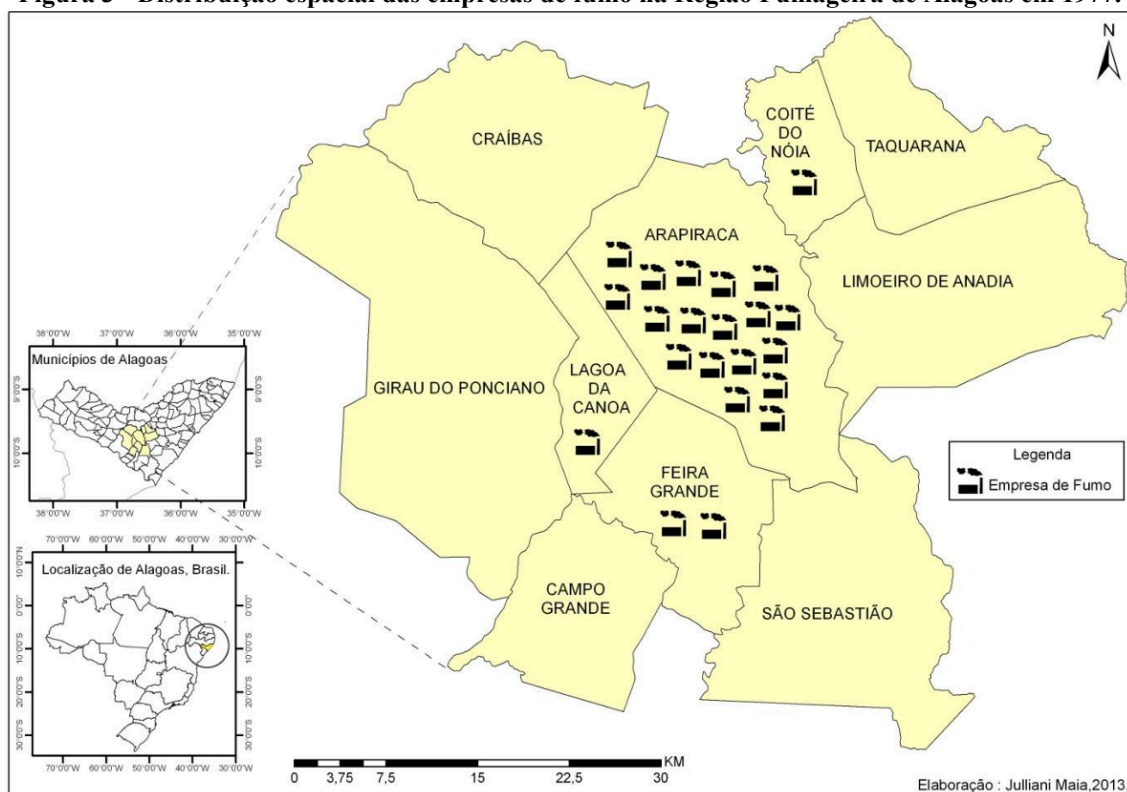
Cada hectare produz, em média, de 1.500 a 2 mil quilos de fumo; Elotseo exporta 300 toneladas de fumo por ano para a Europa, especialmente França e Alemanha, assim como para os Estados Unidos. O grande problema para essa exportação está na qualidade das partidas, que varia entre 8 e 10 tipos. Elotseo, que na infância transportou baldes de água a longas distâncias para irrigar viveiros de fumo, é atualmente senhor de um império, representado tanto pelos 300 hectares cultivados com a melhor técnica, quanto pelos armazéns para o processamento e exportação do produto. Viajando muito, sempre com a família, e permanentemente preocupado com a instrução dos filhos, é o líder da região, respeitado e admirado por toda a comunidade.

Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#/1/19751012-30844-nac-0001-999-1-not>

O sucesso do fumo de Arapiraca atraiu dezenas de multinacionais (Figura 3) do setor para a região na década de 1970, gerando milhares de postos de trabalho e causando diversas mudanças no território local.

Essas empresas se instalaram no município de Arapiraca, tendo em vista esse território atender aos seus interesses imediatos, uma vez que apresentava: a maior área cultivada, com tendência à expansão; facilidade de escoamento da produção; acesso a serviços de infraestrutura urbana (bancos, armazéns distribuidores de insumos, dentre outros); crescimento urbano; e mão de obra acessível. Em relação à mão de obra, Guedes (1978), destaca que nessa época mais da metade da população arapiraquense estava envolvida no cultivo do fumo. (Santos, 2014, p. 84, grifo nosso)

Figura 3 - Distribuição espacial das empresas de fumo na Região Fumageira de Alagoas em 1977.



Fonte: Santos, 2014

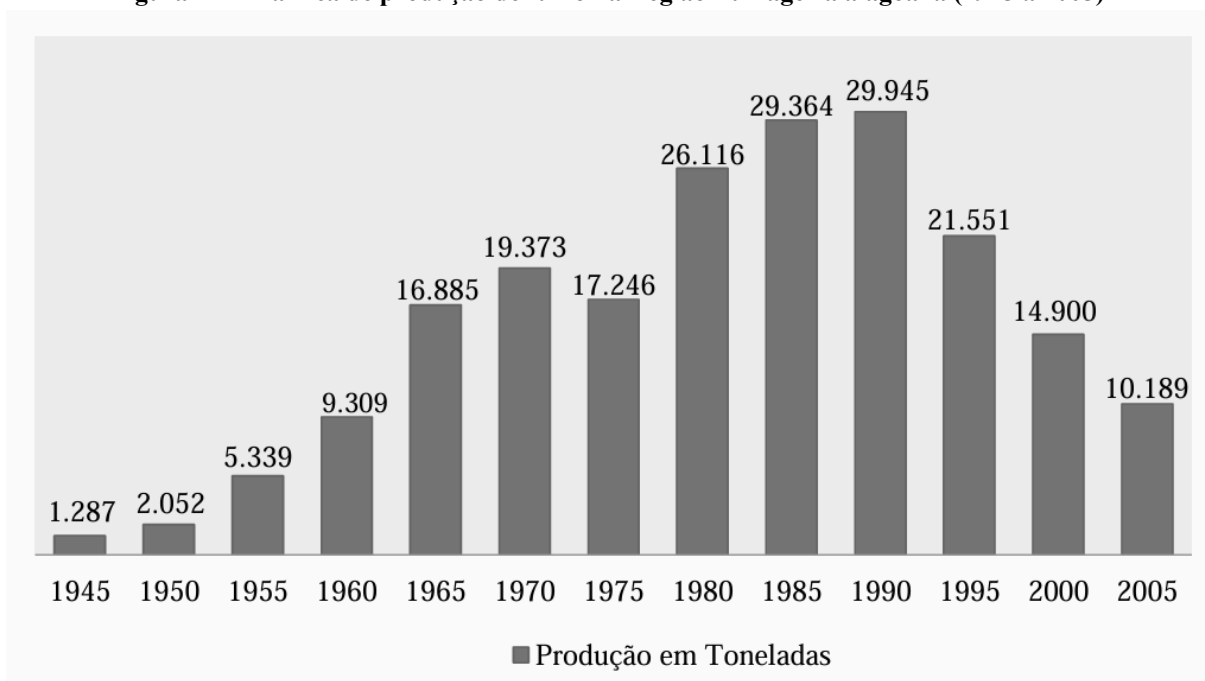
Em 1977, o município de Arapiraca se consolidou como maior produtor nacional de fumo, com 19.249 toneladas de fumo, seguido de Santa Cruz do Sul-RS (Santos, 2014). Os números estavam cada vez mais elevados, a população de Arapiraca crescia, a economia local alcançava altos índices, e o fumo se caracterizava como principal motor para esse crescimento. Isso é o que os muros dos museus locais, os livros de história e as assessorias municipais trazem.

Mas, quem trabalhou para produzir essas mais 19 mil toneladas que colocaram Arapiraca no topo do ranking nacional? Eles eram bem pagos? Onde escutamos suas vozes e suas histórias falando sobre o seu dia a dia nas multinacionais? Em que medida o trabalho constante com o fumo e o agrotóxico utilizado na produção impactou a saúde dos trabalhadores? Durante 50 anos houve um “desconhecimento” a respeito dos impactos do cultivo de fumo na saúde do trabalhador rural no Brasil, enquanto havia registros de doenças causadas pelo fumo em outros países desde o século XVIII (Riquinho; Hennington, 2014), mas o poder público, a ciência e as indústrias permaneceram de olhos fechados no Brasil.

Apenas ao final da década de 1990, políticas de controle de tabaco que começaram a ser implementadas no Brasil, e, nesse período, a produção de fumo na Região Fumageira de

Alagoas começou a cair (Figura 4), por fatores como concorrência e preço da produção no mercado (Santos, 2014).

Figura 4 - Dinâmica de produção de fumo na Região Fumageira alagoana (1945 a 2005)

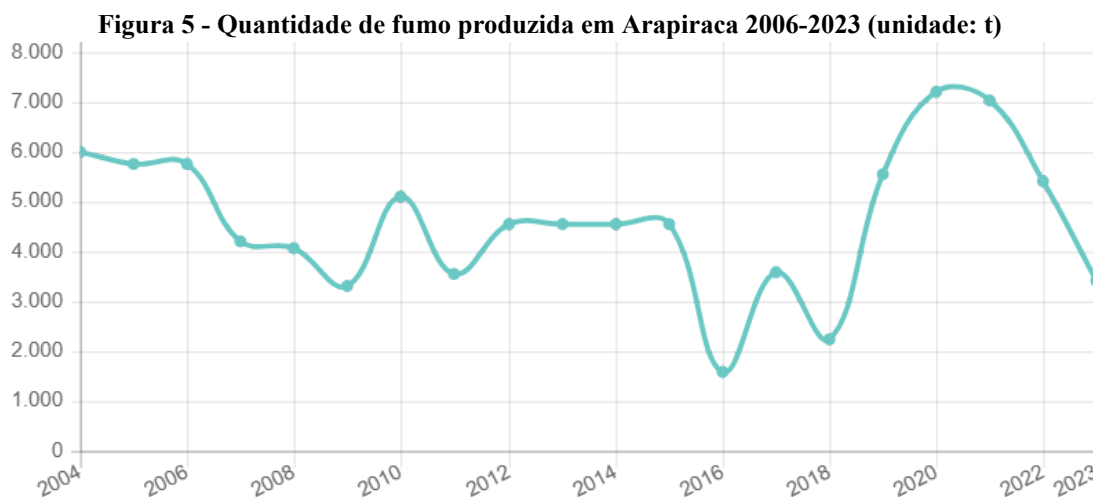


Fonte: Santos, 2014

A cultura do fumo e a chegada de multinacionais em Arapiraca culminou em uma forte expansão comercial e urbana no município. Com a crise da cultura fumageira, Arapiraca foi, aos poucos, deixando de lado o caráter rural do cultivo de fumo, para dar espaço a novos empreendimentos e tornar-se uma cidade-polo para os demais municípios do agreste (Santos, D., 2020).

No entanto, dados de produção agrícola do município divulgados pelo IBGE (2024) registraram aumento de 301,02% na produção de fumo de Arapiraca entre 2018 e 2021. Marcelo Moreno dos Reis, Engenheiro de segurança do trabalho, especialista em saúde do trabalhador e coordenador do Centro de Conhecimento para os artigos 17 e 18 da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, explicou, durante uma entrevista realizada para a execução desse projeto, que o crescimento da produção pode ter sido causado pelo aumento do preço da venda do fumo na região.

Atualmente, os dados de produção agrícola do município (IBGE, 2024) indicam uma produção oscilante a depender do preço da safra (Figura 5).



Fonte: IBGE, 2024

O aumento expressivo da produção acende um alerta para o fato de que ainda há uma quantidade significativa de produtores na região, mas não há monitoramento das doenças causadas pelo cultivo do tabaco no município, nem um acompanhamento e uma orientação adequada para o produtor rural sobre os cuidados e os riscos sofridos pelo cultivo.

2.2 Saúde do trabalhador rural em pauta

O trabalho com o fumo é majoritariamente artesanal. O trabalhador é quem prepara o solo, planta as mudas, mantém, colhe, separa, estende, destala, enrola e vira. Apenas estes dois últimos processos são feitos com ajuda de algumas máquinas, mas, ainda assim, exigem do trabalhador força física para fazê-lo.

O ciclo produtivo do tabaco dura cerca de 180 dias. Os produtores aproveitam as sementes das plantas da safra anterior e iniciam o período de produção do campo de mudas, que dura de 30 a 60 dias. Depois preparam o solo e passam as mudas para os canteiros. Reis *et al.* (2017) classifica essa terceira etapa como a que oferece mais risco de intoxicação pelo contato com agrotóxicos altamente tóxicos. Após o plantio das mudas no canteiro, os produtores fazem os tratos culturais até o período da colheita, classificado por Reis *et al.* (2017), como o período de exposição mais intensa à nicotina presente nas folhas, que pode ocasionar na Doença da Folha Verde do Tabaco (a chamada “bebedeira do fumo”). Em cada etapa do processo produtivo, o trabalhador se expõe a diversos riscos que podem afetar a sua integridade física e mental.

Riscos de acidentes, carga horária de trabalho exaustiva, riscos químicos como intoxicação por agrotóxicos e nicotina, riscos de natureza física como calor excessivo, umidade, fatores causadores de estresse físico e psíquico, bem como riscos biológicos pela exposição a fungos, bactérias presentes nos processos relacionados ao plantio e demais etapas produtivas que acabam por configurar um

cenário prejudicial ao trabalhador (Barancelli *et al.*, 2017, p. 87).

Apesar da grande lista de riscos e das diversas comprovações científicas, os sistemas de saúde municipais ainda não têm preparo para atender e identificar casos de doenças causadas pela produção de fumo, e muitas vezes os produtores, por resistência ou falta de incentivo, demoram a procurar o serviço de saúde, o que gera uma subnotificação dos casos e uma falsa sensação de segurança (Barancelli *et al.*, 2017, p. 88).

A primeira pesquisa que registrou a Doença da Folha Verde do Tabaco (DFVT) foi feita nos municípios que compõem a região fumageira de Arapiraca em 2009, por iniciativa do Ministério da Saúde juntamente a Fundação Oswaldo Cruz. O estudo registrou 107 casos da doença, com maior prevalência entre homens não-fumantes (Oliveira, *et al.*, 2010). A DFVT é uma intoxicação cutânea causada pelo contato da nicotina presente nas folhas de fumo com a pele. Os riscos de intoxicação aumentam quando as folhas estão molhadas pelo orvalho ou pelo suor da pessoa que está colhendo, isso porque a nicotina é uma substância hidrossolúvel, ou seja, a água e o suor aceleram o processo de absorção (Oliveira, *et al.*, 2010).

Os altos índices de nicotina no corpo podem causar sintomas semelhantes a embriaguez por bebidas alcoólicas, como “vômitos, náuseas, tonturas e cefaleia, dores abdominais, diarreia, alterações da pressão arterial e da frequência cardíaca durante ou após a exposição à *Nicotiana tabacum*” (Riquinho; Hennington, 2014, p. 4798). Por isso a DFVT é conhecida entre os produtores como “bebedeira do fumo”, no nordeste, e “porre do fumo”, na região sul.

Há formas de prevenir a doença com o uso de equipamento de proteção como roupas e luvas impermeáveis. No entanto, Marcelo Moreno dos Reis explicou, durante entrevista realizada durante a execução deste trabalho, que esse não é um método de proteção realmente viável, porque a colheita do tabaco acontece nos períodos de primavera e verão, com altas temperaturas, e os produtores se queixam do calor que sentem fazendo uso do equipamento de proteção e muitos optam por não utilizá-lo.

Desde a constatação da relação da produção do fumo com o adoecimento dos trabalhadores, diversas pesquisas acadêmicas foram feitas numa tentativa de entender melhor como funcionam esses processos e mitigar alguns desses sintomas. Esses assuntos, no entanto, dificilmente furam a “bolha acadêmica” e chegam até o conhecimento da população através da mídia corporativa.

Entre 2014 e 2015, o programa audiovisual da rede Globo, Globo Rural, que trata de

temas relacionados à agricultura e pecuária, produziu três reportagem sobre a Doença da Folha Verde do Tabaco e seus impactos na saúde do agricultor no sul do país, intituladas como “Produção de fumo pode causar riscos à saúde do agricultor”, “Produtores recebem orientações para diminuir casos da doença da folha verde do tabaco”, e “Cultura do tabaco prejudica a saúde dos produtores do RS”. Todas trazem depoimentos de alguns trabalhadores da região sul, representantes da indústria e de profissionais de saúde que falam sobre as causas e prevenção da doença. Após esse período, no entanto, até o fechamento deste trabalho, não foram encontradas mais reportagens deste programa que tratassem sobre a saúde do trabalhador da fumicultura, são mais de 10 anos sem falar sobre o assunto.

Em 2016, a saúde do trabalhador rural da fumicultura foi tema de uma reportagem especial do programa audiovisual da rede Record, Domingo Espetacular, que apresenta diversas reportagens investigativas de diferentes temas. A reportagem intitulada “Doença atinge milhares de pessoas que vivem da plantação de tabaco” traz, em um tom investigativo, os depoimentos de famílias inteiras que sofrem com os efeitos da Doença da Folha Verde do Tabaco na região sul do Brasil. O tema, no entanto, não é abordado novamente nem nesse, nem outros programas da emissora nos anos seguintes.

Os chamados por Figaro e Nonato (2021) de “arranjos de jornalismo independente”, têm sido os maiores interessados, nos últimos 10 anos, em pautar temas relacionados à saúde física e mental do trabalhador rural do tabaco, buscando pautar temas muitas vezes esquecidos pela mídia corporativa.

Arranjos que se organizam com o intuito de produzir um jornalismo independente, voltado ao interesse público e compromissado com ampla participação dos setores populares na vida nacional. São arranjos alternativos e independentes, porque esses e essas jornalistas buscam arranjar-se para cumprir a missão de bem informar, muitas vezes, deixada de lado pela mídia mainstream. Também porque buscam uma alternativa independente de trabalho que possa trazer dignidade ao fazer cotidiano, sem afrontar a ética profissional, causando maior sofrimento. (Figaro; Nonato, 2021, p. 8)

Exemplos do que tem sido feito por arranjos de jornalismo independente é a reportagem do *O Joio e o Trigo* intitulada “Como vivem os plantadores de fumo em Alagoas” (Figura 6), escrita pela jornalista Raquel Torres. Na reportagem são abordadas as problemáticas sociais e econômicas da produção de fumo na Região Fumageira de Alagoas, e brevemente a questão do adoecimento desses trabalhadores, o material é um dos raríssimos que trazem a região alagoana como recorte para essa problemática.

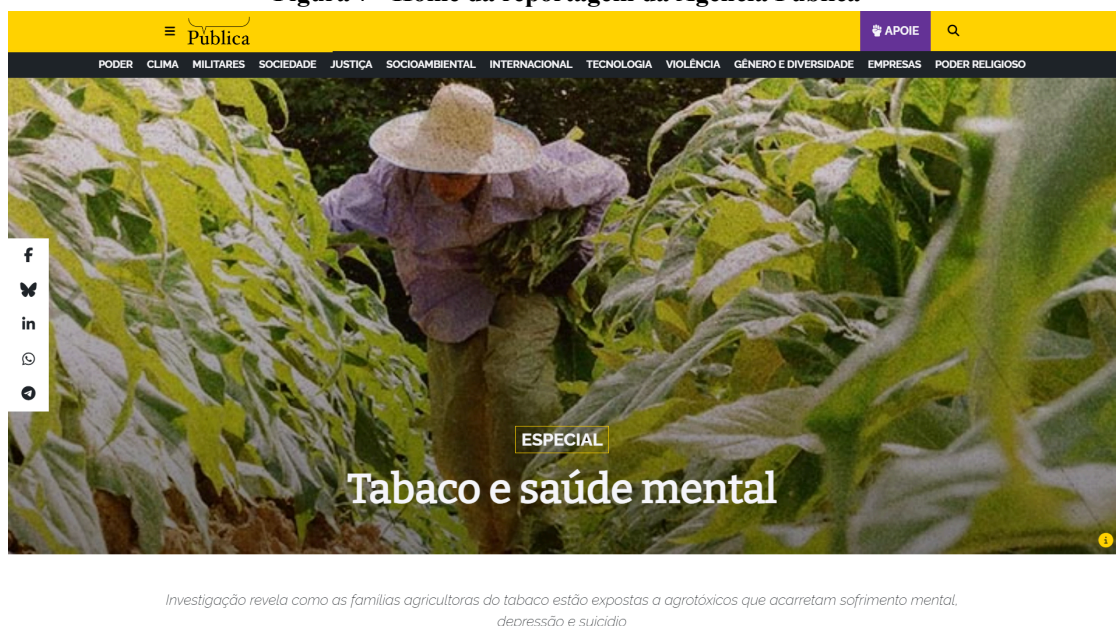
Figura 6 - Home da reportagem do O Joio e o Trigo



Fonte: ojoioetrigo.com.br/2023/01/como-vivem-os-plantadores-de-fumo-de-rolo-em-alagoas

Outro arranjo independente que tem seguido essa linha de investigação é a *Agência Pública* no especial intitulado como “Tabaco e saúde mental” (Figura 7), que se aprofunda sobre as pesquisas que associam o trabalho com o cultivo de tabaco na região sul com os problemas relacionados à saúde mental desses trabalhadores.

Figura 7 - Home da reportagem da Agência Pública



Fonte: <https://apublica.org/especial/tabaco-e-saude-mental/>

Essa ausência em veículos da mídia corporativa, levanta a seguinte reflexão: quais são os temas relacionados à agricultura que são de fato dignos de serem pautados por essas mídias? E aos interesses **de quem** ela busca atender? Qual é o lugar da pauta saúde do trabalhador no campo de veículos especializados? Esse “silêncio” sobre a saúde do trabalhador da fumicultura em um país que é o maior exportador de fumo no mundo, contribui ainda mais para a invisibilização desses trabalhadores e para a diminuição da percepção de risco que eles têm com relação ao manejo do fumo.

Na lógica da saúde do trabalhador, destaca-se a **importância da percepção dos fumicultores em relação aos riscos à sua saúde presentes na atividade laboral cotidiana**. Essa percepção deve nortear as ações de cuidado à saúde desses trabalhadores e a elaboração de políticas públicas. As percepções de riscos ocupacionais demonstram a consciência dos trabalhadores sobre os efeitos negativos ou perigos que possam ocorrer. Ressalta-se que **a percepção do risco influencia o comportamento e o grau de precaução das ações do trabalhador rural frente a situações que possam ocasionar lesão e/ou acidentes**. (Barancelli *et al*, 2017, p. 88, grifo nosso)

Dito isso, a escolha do tema do presente trabalho se justifica dada a importância do conhecimento dos riscos na prevenção de riscos de intoxicações e acidentes e no incentivo de políticas públicas que visem a proteção da saúde do trabalhador rural.

3 JORNALISMO ESPECIALIZADO EM AGROPECUÁRIA E OS INTERESSES DA INDÚSTRIA

Ao observar como os veículos especializados em agropecuária, tratam sobre questões relacionadas ao fumo, é possível perceber a defesa aos interesses da indústria e com quem ela de fato se preocupa.

O Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (SindiTabaco), define uma entidade que garante a sustentabilidade do setor e representa os interesses comuns da indústria do tabaco. Em seu portal, o fumo é tratado como uma riqueza para quem o produz, sinônimo de qualidade de vida, iniciativa e oportunidade (Figura 8).

Figura 8 - Home do site oficial do SindiTabaco



Fonte: <https://www.sinditabaco.com.br/item/a-verdade-sobre-a-producao-de-tabaco-no-brasil/>

Nas notícias, a indústria é vítima do poder público executivo que quer “acabar com o cigarro, fruto da sua matéria-prima”, como mostrado na reportagem em “homenagem” ao dia do agricultor intitulada “A verdade sobre a produção de tabaco no Brasil” (Figura 9). A matéria traz diversos dados numéricos sobre a grandiosidade da produção de tabaco no país e a geração de empregos, mas sem nenhum momento apresenta preocupação com a saúde física e/ou mental do seu produtor.

Figura 9 - Reportagem do SindiTabaco

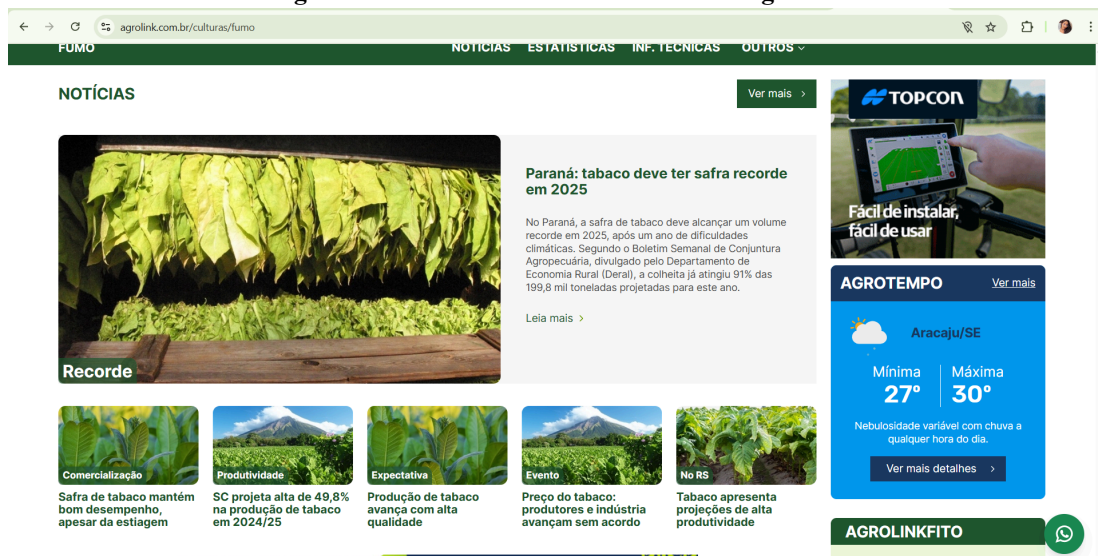


Fonte: <https://www.sinditabaco.com.br/item/a-verdade-sobre-a-producao-de-tabaco-no-brasil/>

Mas não são só os veículos que se autodeclaram “defensores do interesse da indústria do tabaco” que apresentam esse ideais, portais especializados em agropecuária têm se interessado cada vez mais por pautas que falem sobre os números e impactos positivos da produção de fumo, sem sequer citar a saúde dos trabalhadores dessa cultura.

O portal Agrolink é um desses veículos que se apresenta como especializado em informações e soluções para o setor do Agronegócio, mas que nas recentes notícias a respeito da cultura do fumo, não menciona questões de impactos negativos da produção de tabaco para os produtores (Figura 10).

Figura 10 - Home da editoria de fumo do Agrolink



Fonte: <https://www.agrolink.com.br/culturas/fumo>

A ausência de pautas que abordem a saúde do produtor rural em veículos especializados no setor da agricultura é reflexo de como a mídia tem enxergado o setor. Em 2022, o INSPER - Centro de Agronegócio Global publicou um Guia de Cobertura Jornalística do Agronegócio, assinado por grandes representantes de mídias corporativas como a Associação Nacional de Jornais, a Associação Nacional de Editores de Revistas e a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão. No guia, questões relacionadas a saúde só aparecem quando se trata de animais ou plantas, e em nenhum momento o agricultor é citado como protagonista do que deve ser pautado, pelo contrário, os anexos do material apresenta a linha editorial da editoria de Agronegócios do jornal Valor Econômico, com os temas pautados por eles.

Em linhas gerais, buscamos acompanhar as notícias relacionadas a: mercados/commodities, preços, produção, exportação, agroindústrias/cooperativas/grupos agrícolas, políticas agrícolas, ambiente/clima, crédito/financiamento, novas tecnologias/ inovação.[...] Para quem escrevemos? grandes produtores, agroindústrias, mercado financeiros (bancos, fundos de investimentos, private equity, escritórios de advocacia, consultorias). (Lopes *et al.*, 2022, p. 34)

Se não cabe ao jornalismo agro falar sobre a saúde das pessoas que movem o próprio cenário agrícola, onde as pessoas ficaram informadas sobre o assunto?

3.1 Na contramão do jornalismo agro

Lage (2001) define o jornalismo investigativo como “um esforço para evidenciar misérias presentes ou passadas da sociedade, injustiças cometidas; contar como as coisas são ou foram e como deveriam ser ou ter sido” (Lage, 2001, p. 61). Para o autor, esse tipo de jornalismo exige tempo e esforço ao levantamento de um tema, é preciso ir além das informações superficiais.

O jornalismo investigativo envolve expor ao público questões que estão ocultas – seja deliberadamente por alguém em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem o entendimento. Ele requer o uso tanto de fontes e documentos secretos quanto divulgados (Hunter, 2013, p. 8).

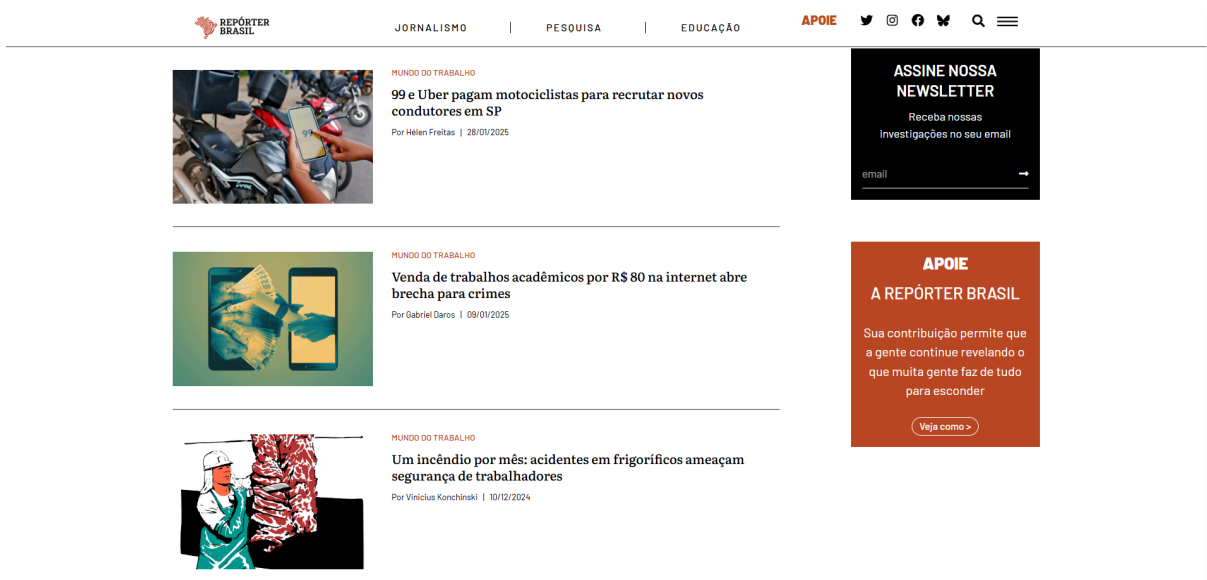
Tanto para Lage (2001), quanto para Hunter (2013), toda reportagem exige certo nível de investigação, mas o que diferencia uma cobertura convencional para uma investigativa é a intencionalidade, profundidade e relevância que é dada ao tema. Além disso, as informações “inquietam os bem pensantes” (Lage, 2001, p.61) e visam “a meta subjetiva de reformar o mundo” (Hunter, 2013, p.8).

Seguindo na contramão do jornalismo de agronegócios (Lopes *et al.*, 2022) feito pela

mídia corporativa, e buscando denunciar as injustiças cometidas, a saúde do trabalhador tem aparecido como pauta nos arranjos de jornalismo independente (Figaro; Nonato, 2021) de modo transversal, a partir de um jornalismo investigativo em editoriais de jornalismo ambiental e de direitos humanos.

O Repórter Brasil é um dos poucos, mesmo entre outros arranjos de jornalismo independente mais conhecidos, que tem uma editoria inteiramente dedicada a questões relacionadas ao trabalhador, tanto do campo, quanto na região urbana, e traz diversas reportagens que apontam para denúncias de irregularidades que podem afetar a integridade física e mental desses trabalhadores (Figura 11).

Figura 11 - Editoria “Mundo do Trabalho” do Repórter Brasil



Fonte: <https://reporterbrasil.org.br/jornalismo/mundo-do-trabalho/>

Numa tentativa de seguir um viés investigativo segundo Lage (2001), abordando um tema tão difícil de ser encontrado no meio jornalístico como a saúde do trabalhador rural da fumicultura em Alagoas, indo na contramão do discurso do jornalismo de agronegócios é que nasce o especial multimídia *Bebedeira do fumo: o preço amargo do cultivo do tabaco*.

3.2 A grande reportagem multimídia

A escolha de escrever uma grande reportagem multimídia não foi imediata, inicialmente a ideia era fazer um livro-reportagem, mas o fôlego de escrita que esse tipo de material exigiria

seria altíssimo, a limitação na disposição das imagens e a possibilidade de uso de hiperlinks e o pouco tempo para execução de todo o projeto sozinha, me fizeram repensar a escolha.

Yara Medeiros dos Santos (2020), avalia a grande reportagem no meio impresso como um espaço no qual é possível exercitar a criatividade e desenvolver conteúdos midiáticos de interesse público, com visualidade privilegiada.

A valorização da reportagem com o adjetivo “grande” não significa que seja extensa apenas em relação ao espaço que ocupa. Esse termo está associado, no jargão da área, a um tipo de matéria jornalística que **passa por um processo de aprofundamento do tema, de um olhar complexo que cerca a pauta de inúmeras problematizações para construir a narrativa** (Santos, Y, 2020, p.29, grifo nosso).

Raquel Longhi (2010), define o gênero Especial Multimídia como uma herança da grande reportagem feita no jornalismo impresso, mas inserida no meio digital com recursos disponibilizados pelas novas tecnologias. “Grande reportagem constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear” (Longhi, 2010, p. 153).

A autora ressalta ainda que esse tipo de formato de linguagem multimídia convergente é composto por “linguagem textual, sonora e/ou visual, como arquivos de imagens em movimento e estáticas, representação textual e arquivos de som. São convergentes, por estarem dispostos de modo integrado, ou seja, em uma mesma janela e apresentando unidade informativa ou coesão” (Salaverría, 2005 *apud* Longhi, 2010, p. 153).

Um exemplo atual desse gênero jornalístico é o especial multimídia “*Amazon Underworld*” (Figura 12) do portal InfoAmazonia, que se dedica a tratar sobre temas voltados ao ativismo ambiental. O produto foi ganhador do Prêmio Digital Media Americas Awards 2024 na categoria “Melhor Projeto Jornalístico” e se destaca pelo trabalho de investigação sobre o crime organizado e o garimpo ilegal na Amazônia, e pelo trabalho multimidiático com imagens e ilustrações que auxiliam na compreensão do tema.

Figura 12 - Home da Grande Reportagem Multimídia *Amazon UnderWorld*



Fonte: <https://amazonunderworld.org/pt.html>

Por isso, a razão pela escolha do especial multimídia, se deu pela liberdade criativa que o esse formato traz, além de trazer o leitor para mais perto da história através dos recursos sonoros e visuais, dá a ele a possibilidade de uma investigação ainda mais profunda, que vai além da reportagem por si só, com a adoção de hiperlinks e permite que o produto seja mais acessível. Para Longhi (2014, p.4), a “grande reportagem multimídia se destaca como o lugar onde o jornalismo online mais tem explorado possibilidades de convergência de linguagens no meio digital”.

E foi pensando na possibilidade de diversificar a linguagem optei por hospedar o material no software Wix, que possui diversas ferramentas que permitem a criação de sites de forma gratuita e versátil.

4 METODOLOGIA PARA APURAÇÃO

O projeto adotou uma abordagem etnográfica de apuração, à luz da perspectiva conceitual de Rovida (2015), na qual, o pesquisador deve ser capaz de formular um texto com interpretação acessível e pesquisável, a partir da observação, entrevistas, conversas e diálogos com os informantes (Rovida, 2015, p. 81).

Antes das entrevistas houve um período de aprofundamento no tema para definição dos ângulos que a grande reportagem adotaria, a ideia inicial do projeto experimental era adotar uma perspectiva histórica e cultural do fumo, trazendo as cantigas das destaladeiras de fumo de Arapiraca como algo que precisa de mais reconhecimento. No entanto, durante as pesquisas documentais, encontrei alguns artigos referente a doenças relacionadas ao trabalho com o fumo (Quadro 1), e me deparei com dados sobre a Doença da Folha Verde do Tabaco e o primeiro registro da doença no Brasil que aconteceu em Arapiraca durante uma pesquisa realizada por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz e do Ministério da Saúde no ano de 2009.

Quadro 1 - Artigos que orientaram a angulação da Grande reportagem multimídia

Título	Autores	Ano de publicação
Cultivo do tabaco no sul do Brasil: doença da folha verde e outros agravos à saúde	Heemann, Fabiane	2009
First reported outbreak of green tobacco sickness in Brazil	Oliveira <i>et al.</i>	2010
Cultivo do tabaco no sul do Brasil: doença da folha verde e outros agravos à saúde	Riquinho; Hennington	2014
A Reestruturação do Território da Região Fumageira de Alagoas	Santos.	2014
Conhecimentos, atitudes e práticas de agricultoras sobre o processo de produção de tabaco em um município da Região Sul do Brasil	Reis <i>et al.</i>	2017
Doenças ocupacionais na	Barancelli <i>et al.</i>	2017

fumicultura: os riscos percebidos pelos trabalhadores rurais do Paraná		
Arapiraca no estado de Alagoas: história, discurso e (arte): fatos na invenção da terra do fumo (1950-1990)	Santos.	2020
Subsídios para diretrizes para atenção integral à saúde dos trabalhadores e trabalhadoras da fumicultura	Reis <i>et al.</i>	2022

Fonte: Elaborado pela autora

Ao ver os sintomas relacionados a DFVT, me recordei de muitas histórias contadas pela minha família e de como minha avó e suas colegas sofriam com os enjoos no manejo do fumo em Arapiraca, relatos que não são encontrados nos livros de histórias e nos museus do município, que apenas enaltecem o potencial econômico do cultivo de tabaco. A partir disso, em reunião com a orientadora, decidimos que a reportagem adotaria uma perspectiva focada na saúde dos trabalhadores rurais de fumo, utilizando o município de Arapiraca como um modelo do que acontece, em escala muito maior, em outros estados do Brasil.

Para as entrevistas, foram formuladas perguntas prévias, mas a relação repórter - entrevistado não ficou presa apenas às perguntas previamente estabelecidas, havia diálogo para que o entrevistado ficasse livre para conduzir suas ideias e pontuações necessárias.

A entrevista pensada como diálogo aberto – embora seja planejada com uma pauta prévia e um objetivo anteriormente traçado – pressupõe um tipo de interação entre jornalista e fonte, ou entre pesquisador e entrevistado, que possibilita um outro tipo de descoberta. Normalmente, a realidade observada é mais complexa do que o plano de trabalho pode prever e tal abertura garante ao pesquisador ou jornalista aproveitar esse contato com as pessoas para aprofundar e enriquecer seu conhecimento. (Rovida, 2015, p. 83)

Durante a execução de cada pauta, a escolha da entrevista em diálogo aberto deu liberdade para que a reportagem indicasse quais seriam os novos desdobramentos e entrevistados, a partir da descoberta de problemas que a pesquisa documental, isoladamente, não conseguia transmitir, como as dificuldades da troca de cultura na plantação e a negligência do poder público na aplicação de políticas realmente aplicáveis.

Durante o processo de apuração, foram realizadas três visitas ao município de Arapiraca, entre os meses de agosto e dezembro (Quadro 2), para realização de entrevistas com produtores e representantes do poder público, nesse período reuni informações importante que deram novos desdobramentos para a grande reportagem.

Quadro 2 - Visitas a Arapiraca e material coletado

Período das visitas a Arapiraca	Material coletado
30 de agosto a 1 de setembro de 2024	1. Entrevista com uma família produtora de tabaco no povoado Capim (zona rural de Arapiraca), para conhecer mais sobre sua relação com o fumo e entender melhor os desafios enfrentados por eles; 2. Entrevista com ex-trabalhadora de uma multinacional do tabaco, para saber como era a rotina dos trabalhadores da indústria e como o adoecimento dos trabalhadores era abordado; 3. entrevista com engenheira agrônoma para entender o ciclo produtivo do tabaco e as particularidades da produção arapiraquense; 4. captação de imagens dos currais, das bolas de fumo e dos trabalhadores.
19 a 21 de outubro de 2024	1. Entrevista com produtor de fumo do povoado Bananeiras (zona rural de Arapiraca), para saber como ele produzia e vendia o tabaco e entender qual era a relação com o fumo; 2. Visita à feira do fumo de Arapiraca para entrevistar alguns dos feirantes e entender como funcionam os processo de venda das bolas de fumo; 3. Captação de imagens da feira do fumo.
4 a 7 de dezembro de 2024	1. Entrevista com representante da secretaria municipal de saúde para compreender as ações que têm sido feitas para monitoramento de doenças relacionadas ao trabalho com o fumo em Arapiraca.

Fonte: Elaborado pela autora

Após o período de apuração e entrevistas em, iniciei o processo de escrita da grande reportagem multimídia, seguida pela elaboração da estrutura do hot site. Depois iniciei o processo de edição, revisão e finalização do projeto, conforme o cronograma (Quadro 3).

Quadro 3 - Cronograma de atividades

Atividade	Período
Pesquisas documentais e definição da angulação adotada para a temática	Julho a outubro de 2024
Apuração e entrevistas em campo	Agosto a dezembro de 2024
Escrita da grande reportagem multimídia	Janeiro a fevereiro de 2025
Escrita do memorial	Fevereiro a março de 2025
Construção do hot site	Fevereiro a março de 2025
Edições e ajustes finais	Março de 2025

Fonte: Elaborado pela autora

Durante o processo de apuração foram encontradas muitas dificuldades, a primeira visita à Arapiraca precisou acontecer antes mesmo do fechamento da angulação temática por causa do período de colheita de fumo, isso dificultou a captação de imagens pois não se tinha certeza sobre o tema final do trabalho. Outra dificuldade foi a ausência de dados sobre a saúde dos trabalhadores da região por não haver monitoramento.

Durante a finalização, o maior desafio foi conseguir fazer sozinha toda a escrita, edição e construção do hot site. Inicialmente eu tinha desejo de inserir alguns vídeos dentro do corpo de texto, e um podcast sobre as destaladeiras de fumo, mas não houve tempo para edição e planejamento desse material, já que o processo de apuração foi longo e a construção do site também demandou um tempo significativo.

5 CONSTRUÇÃO DO PROJETO GRÁFICO E DO PROJETO EDITORIAL

Todo o processo de elaboração do projeto gráfico e editorial foi de autoria própria, graças a facilidade com software de design e construção de sites adquirida durante a graduação.

5.1 Produto

Bebedeira do Fumo: o preço amargo do cultivo do tabaco - Grande reportagem multimídia

5.2 Conceito e nome

O nome *Bebedeira do Fumo* vem do termo usado pelos trabalhadores da fumicultura de Arapiraca para nomear a sensação de embriaguez causada pela intoxicação por nicotina (cientificamente chamada de Doença da Folha Verde do Tabaco), sintomas como náuseas, vômitos e tontura são muito comuns entre os produtores, principalmente na fase de quebra (colheita) do fumo e foram relatados pelos entrevistados da grande reportagem.

Já *o preço amargo do cultivo do tabaco*, remete a um preço que é sentido no corpo, que amarga como o enjoo e o vômito causado pela bebedeira do fumo, e que é sentido por não haver alternativas realmente viáveis para proteção contra as intoxicações.

A partir disso, o nome foi utilizado como uma forma de chamar atenção e despertar a curiosidade do leitor sobre o que seria uma “bebedeira do fumo” e conduzi-lo a refletir sobre os efeitos nocivos da produção de tabaco.

5.3 Projeto Editorial

O Brasil é o segundo maior produtor de fumo no mundo, em 2024, segundo o IBGE, foram produzidas 624 mil toneladas de tabaco no país. A academia e a imprensa, em geral, estão sempre com um olhar atento para a saúde dos consumidores do produto final dessa produção. Há, no entanto, uma grande cadeia produtiva anterior ao cigarro que envolve milhares de trabalhadores que têm sua saúde negligenciada.

A indústria do tabaco adota um discurso de beneficiamento econômico do fumo para as famílias, no entanto esse retorno financeiro vem uma série de complicações à saúde que podem levar o trabalhador rural a óbito.

Esta grande reportagem foi desenvolvida com o propósito de mostrar que os malefícios do tabaco vão além da pessoa que faz uso do cigarro, trazer à tona os problemas enfrentados por esses trabalhadores rurais da fumicultura e analisar o que tem sido feito para mitigação dos efeitos negativos da produção de fumo.

Para isso, utilizou-se o município de Arapiraca-AL, que já foi o maior produtor de fumo do Brasil e atualmente é a região que mais produz fumo no nordeste, como recorte espacial do problema e foram ouvidas fontes de diversas áreas – engenharia, geografia, medicina – além disso, realizou-se uma pesquisa documental profunda a respeito do tema.

A reportagem é dividida em quatro eixos:

1. *Abertura* - Traz um resumo da reportagem e reúne dados sobre a produção do tabaco no país, onde esse cultivo se concentra e introduz a questão da saúde do trabalhador da fumicultura, utilizando um tom claro e informativo para atrair o leitor para a leitura da reportagem.
2. *Uma vida entre folhas de fumo* - Introduz o leitor em histórias de trabalhadores do fumo, abordando suas vivências e dificuldades no campo. Após isso, o adoecimento do trabalhador é abordado, juntamente com suas causas e tentativas de prevenção, através da fala de um especialista em saúde do trabalhador e das autoridades responsáveis pela saúde e agricultura de Arapiraca. O eixo se encerra com um relato de uma ex-trabalhadora do fumo, que ressalta as más condições de trabalho de sua época e a negligência da indústria com o adoecimento, demonstrando que este é um problema antigo.
3. *Do plantio à venda* - Através de pesquisa documental e entrevista com especialista, o terceiro eixo explica como funciona o ciclo produtivo do fumo em Arapiraca e os processos de preparação e venda.
4. *Movimentos antitabagistas x indústria* - A grande reportagem se encerra trazendo a trajetória de pesquisas sobre doenças relacionadas ao tabaco, ressaltando a demora dos estudos, principalmente brasileiros, em olhar para a saúde dos trabalhadores desse setor, e o quanto a indústria interfere nesses processos para atender os seus interesses econômicos.

5.4 Estimativa de custos do projeto

Para custear as visitas à Arapiraca e a execução do projeto, foram utilizados recursos financeiros próprios da autora. O valor total gasto na produção foi de R\$ 600,00, majoritariamente concentrado no período de visitas à Arapiraca (Quadro 4), não houve gastos significativos com hospedagem pois pude contar com amigos e familiares que moram no município.

Quadro 4 - Custos financeiros do projeto

Período	Valor gasto	Total
30 de agosto a 1 de setembro de 2024	Passagens: R\$ 140 Transporte: R\$ 50 Alimentação: R\$30	R\$ 220
19 a 21 de outubro de 2024	Passagens: R\$ 140 Transporte: R\$ 30 Alimentação: R\$20	R\$ 190
4 a 7 de dezembro de 2024	Passagens: R\$ 140 Transporte: R\$ 30 Alimentação: R\$20	R\$ 190

Fonte: Elaborado pela autora

5.5 Público-alvo:

A grande reportagem multimídia é destinada a pessoas que queiram conhecer mais sobre a realidade do cultivo do tabaco, principalmente da região nordeste, sejam elas trabalhadoras, familiares ou estudiosos. É feita também sob um desejo profundo de despertar o interesse de autoridades municipais e estaduais sobre a saúde do trabalhador rural da fumicultura.

5.6 Projeto Gráfico

Os elementos do Projeto Gráfico tratam da identidade visual do site que compõe a grande reportagem multimídia. Ele é composto por um texto descritivo que indica o processo de produção e as referências utilizadas para construção do layout do site.

5.6.1 Layout do site

A escolha do layout da home da grande reportagem, utilizou como referência o layout da reportagem especial "Ameaça, milícias e morte: A nova cara do Velho Chico" escrita pelo jornalista Daniel Camargos, do Repórter Brasil (Figura 13). O especial investiga e denuncia a violência sofrida por comunidades que vivem à margem do rio São Francisco, e chama atenção como a escolha das cores, as imagens e a disposição dos elementos que “falam” junto ao texto, conduzindo o leitor a adentrar na história. Esse especial foi utilizado como referência pelo fato de *Bebedeira do Fumo* também carregar um caráter de investigação de denúncia e pelo meu desejo de trazer o leitor para dentro do tema.

Figura 13 - Grande Reportagem Multimídia: Ameaças, Milícias e Morte, Repórter Brasil



Fonte: <https://especial.reporterbrasil.org.br/velhochico/>

A partir dessa referência, foi construída, pela autora, a primeira versão do design layout do hotsite, seguindo uma tabela de cores e uma disposição dos elementos iniciais, através do software Figma (Figura 14).

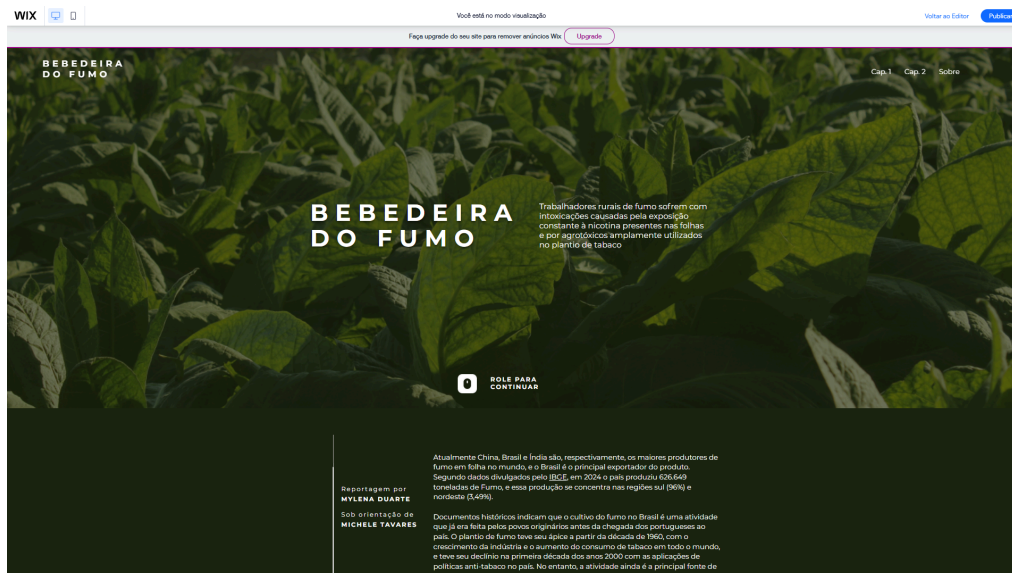
Figura 14 - Primeira versão do design da home



Fonte: Elaborado pela autora

Depois do desenho do layout no Figma, iniciei a construção da home da grande reportagem já utilizando o software que iria hospedá-la o Wix Studio (Figura 15). O software possibilita uma liberdade na disposição de elementos.

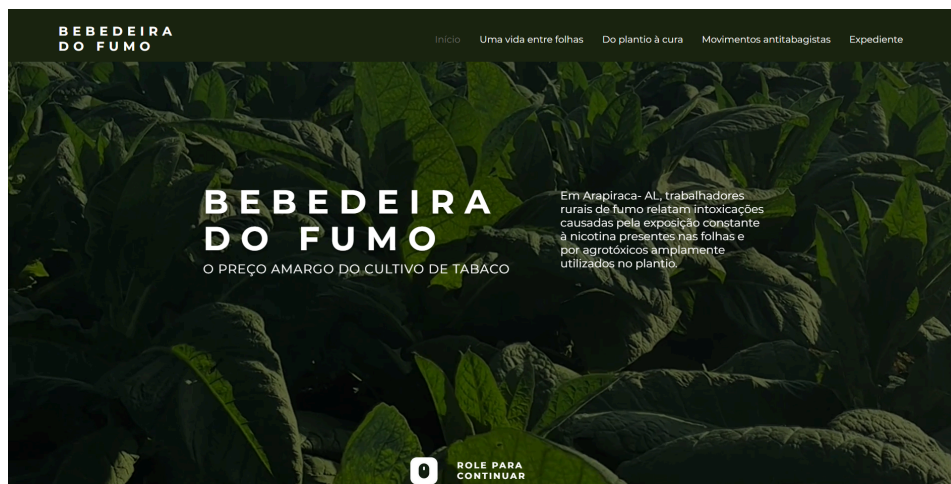
Figura 15 - Primeira versão da home da grande reportagem multimídia



Fonte: Elaborado pela autora

Na home foi utilizado um vídeo com o movimento das folhas para que o leitor pudesse experienciar um aprofundamento no ambiente de trabalho do fumicultor, também foi utilizado um filtro verde no vídeo para aumentar o contraste com o texto. Na versão final da home (Figura 16), a frase “o preço amargo do cultivo de tabaco” foi incorporada ao texto, e os nomes de cada eixo foram colocados no menu inicial.

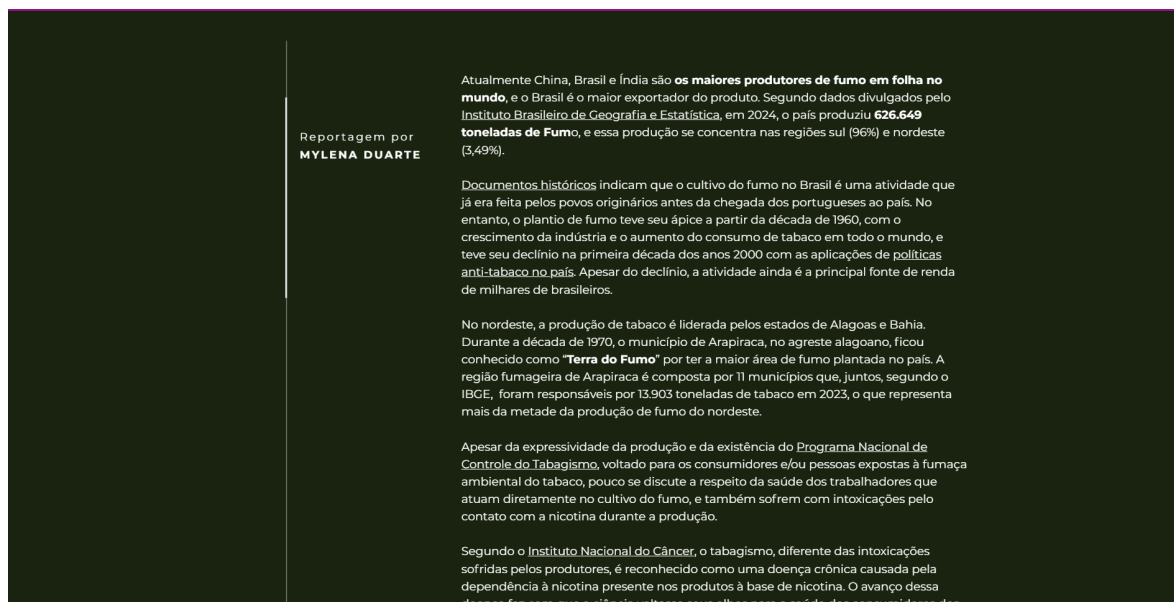
Figura 16 - Versão final da home da grande reportagem multimídia



Fonte: Elaborado pela autora

O texto de abertura foi colocado em letras brancas sobre um fundo verde (#1C260E) com o intuito de chamar atenção do leitor para as informações iniciais do especial multimídia (Figura 17). Na lateral do texto foi inserido o nome da autora do material, e utilizado um fio lateral para delimitar espaçamento na página.

Figura 17 - Texto de abertura na home do site



Fonte: Elaborado pela autora

Ao final da home, e dos eixos intitulados “Uma vida entre folhas de fumo” e “Do plantio à venda”, o usuário tem acesso aos links dos outros três eixos da grande reportagem (Figura 18), dispostos sobre as imagens das capas de cada eixo, e às notas de rodapé.

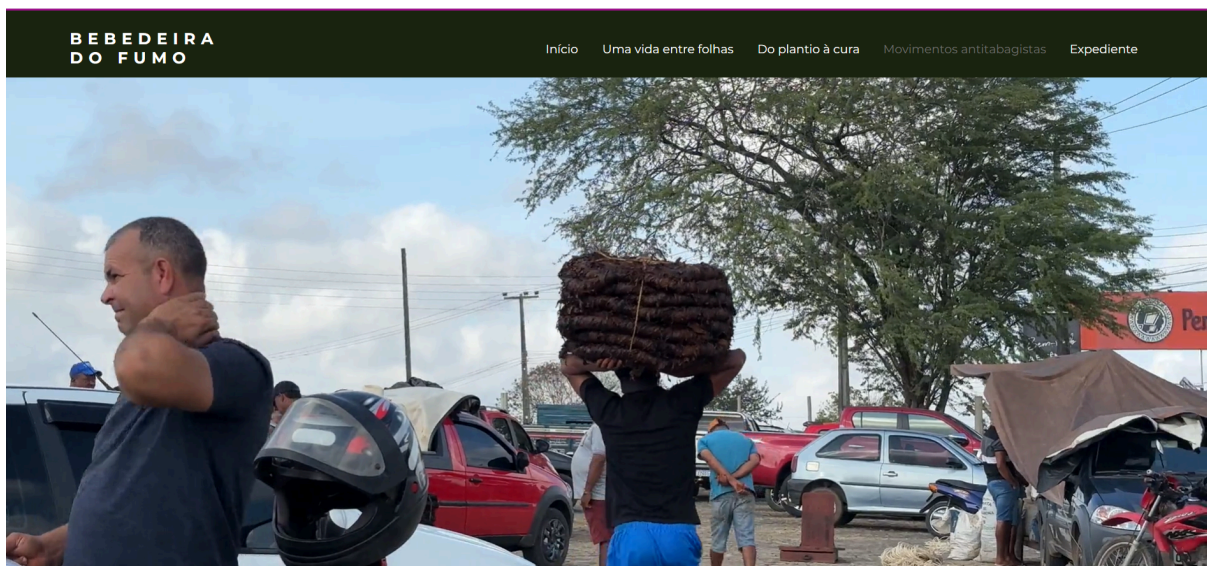
Figura 18 - Apresentação dos eixos e rodapé



Fonte: Elaborado pela autora

Os eixos seguem um mesmo padrão visual, com uma imagem inicial que ocupa todo o espaço da tela, título colocado abaixo da imagem (Figura 19).

Figura 19 - Layout dos eixos da grande reportagem multimídia



Movimentos antitabagistas x indústria

Fonte: Elaborado pela autora

No corpo do texto também foram inseridas ilustrações do fumo, desenhadas pela própria autora, para ilustrar o ciclo produtivo do cultivo do tabaco e os riscos para o trabalhador rural (Figura 20). Esses elementos foram colocados sobre um fundo verde para dar destaque em contraste ao corpo do texto.

Figura 20 - Ilustrações utilizadas no site



Fonte: Elaborado pela autora

5.6.2 Tipografia

Toda a tipografia escolhida para o projeto, faz parte da família tipográfica Montserrat (Quadro 4), sendo utilizadas em negrito nos títulos, subtítulos e palavras em destaque e na sua forma regular no corpo do texto. No título da grande reportagem a tipografia foi utilizada em caixa alta e com um espaçamento maior entre as letras para transmitir a sensação de padrão e linearidade.

Quadro 4 - Uso da família tipográfica Montserrat

Tipo de texto	Configurações
Título geral da grande reportagem multimídia	Tamanho: 53; Negrito; Letras maiúsculas; Espaçamento entre caracteres: 0.3; Espaçamento entre linhas 1.1.
Subtítulo geral da grande reportagem multimídia	Tamanho: 20; Regular; Letras maiúsculas; Espaçamento entre caracteres: 0.5; Espaçamento entre linhas 1.1.
Título dos eixos	Tamanho: 40; Negrito; Inicial maiúscula; Espaçamento entre caracteres: 0; Espaçamento entre linhas 1.5.
Corpo do texto	Tamanho: 15; Regular; Espaçamento entre caracteres: 0; Espaçamento entre linhas 1.5.
Legendas e créditos	Tamanho: 12; Regular; Inicial maiúscula; Espaçamento entre caracteres: 0; Espaçamento entre linhas 1.5.

Fonte: Elaborado pela autora

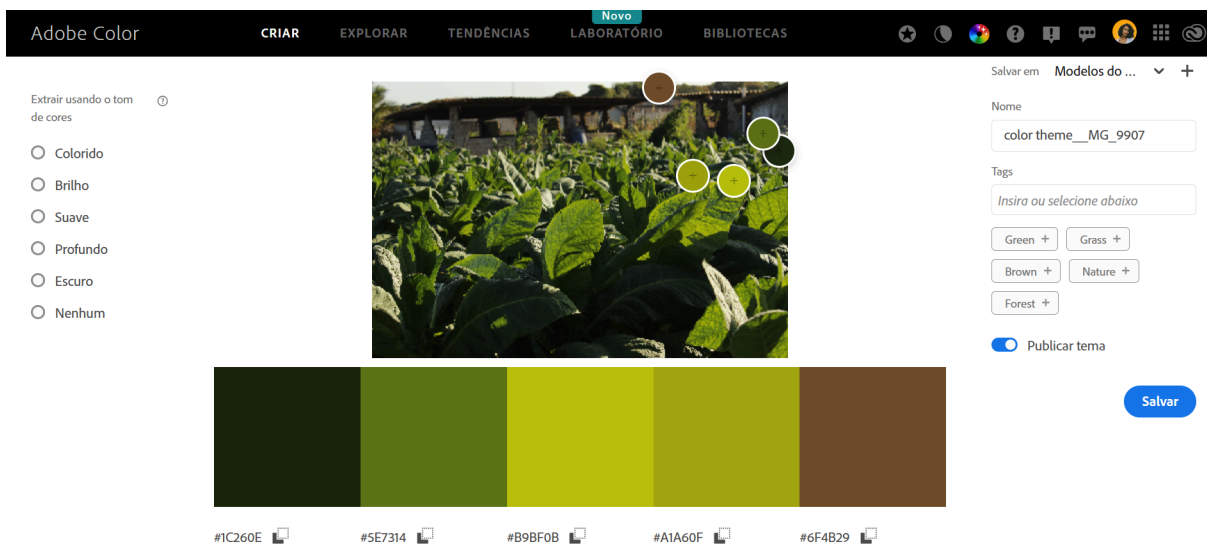
A opção por uma fonte mais fina, sem serifa e mais arredondada, como a montserrat, se deu devido ao maior conforto visual que esse tipo de fonte traz ao leitor, e por se tratar de uma grande reportagem multimídia com mais de 20 mil caracteres, irá demandar mais tempo de leitura.

5.6.3 Paleta de cores

A escolha da paleta de cores utilizada na grande reportagem partiu das cores extraídas de uma foto tirada pela autora durante a apuração em Arapiraca. Para auxiliar na escolha, foi utilizado o software Adobe Color (Figura 21) e as cores definidas expressam as cores vistas diariamente pelo trabalhador rural de fumo – os diferentes tons de verde do fumo quando

vistos à luz do sol e sob a sombra das outras folhas, e o marrom do solo e dos telhados dos salões onde o fumo é destalado e enrolado.

Figura 21 - Paleta de cores



Fonte: Elaborado pela autora

5.7 Diretrizes de fotografia:

A fotografia foi um grande desafio neste projeto, o primeiro motivo foi a questão geográfica, Arapiraca está localizada a 177 km de Aracaju, a distância entre os municípios, somada aos gastos em cada trajeto, limitaram a apenas três finais de semana, em diferentes meses, o número de visitas e o fato da viabilidade das idas serem nos finais de semana dificultaram ainda mais, já que os trabalhadores não costumam trabalhar na lavoura nesses dias.

Além disso, durante a maioria das visitas eu estive sozinha e, pela sensibilidade que alguns tópicos exigiam, era difícil estar atento ao que era falado pelo entrevistado, anotar e tirar foto ao mesmo tempo, por isso, a prioridade era estar atento ao que era falado por cada fonte.

Outra dificuldade encontrada foi o fato da produção de fumo ser sazonal, iniciando em meados de maio e encerrando a colheita em meados de outubro, durante esse período eu ainda estava solidificando e refinando o tema e as angulações que queria abordar, em Trabalho de Conclusão de Curso 1, precisei fazer a primeira visita a Arapiraca no último final de semana de agosto, mesmo com uma definição muito precária do que seria feito e sem um planejamento fotográfico prévio, para conseguir algumas fotos da plantação de fumo.

Apesar das dificuldades, consegui captar algumas fotos durante as visitas e obtive alguns materiais fotográficos, muito importantes para a composição do material, a partir de pesquisas documentais via internet.

A partir da observação do material obtido, consegui identificar alguns estilos, temas e gêneros fotográficos em comum nas fotografias e que culminaram nas presentes diretrizes.

Objetivo geral: Registrar o ambiente de trabalho da fumicultura e o trabalhador por trás da produção, destacando as cores e texturas presentes no ambiente.

Estilo fotográfico:

- Documental: As imagens devem trazer momentos cotidianos de produtores rurais de fumo de forma espontânea.
- Retrato: as imagens devem trazer em foco os trabalhadores, transmitindo suas vivências através de suas expressões e olhares.
- Naturalismo: A iluminação e edição das imagens deve ser o mais fiel ao natural possível, retratando o ambiente rural e suas reais nuances.

Temas para as fotografias:

- O trabalho com o fumo: trabalhadores e familiares no meio rural.
- Paisagens dos currais de fumo: Demonstrar a grandiosidade da produção de fumo para transmitir o local de trabalho dos produtores.
- Feira do fumo: Mostrar a vivência, movimento e as vendas de fumo realizadas na feira.

Cores e tons:

As cores das fotos devem ressaltar as cores naturais do ambiente de trabalho com o fumo. O verde das folhas ainda plantadas, o rosa das flores do fumo, o marrom da terra e do fumo enrolado e o azul do sol. Durante as edições devem ser utilizados apenas pequenos ajustes de correção para ressaltar a textura dos materiais e dos produtos.

Ética Fotográfica:

A fotografia documental deve respeitar a dignidade das pessoas fotografadas, evitando constrangimentos e estigmatizações. O fotógrafo deve adotar uma postura discreta e empática, de modo que a pessoa fotografada deve ter consciência de que está sendo fotografada,

configurando uma espécie de autorização tácita da captura da imagem ou uma autorização expressa de forma verbal e registrada por áudio em alguns casos.

Considerações Técnicas:

- Equipamento: Utilização de câmera reflex monobjetiva com lentes de médio alcance para retratos, e uso da câmera do smartphone iPhone 15 para fotos mais amplas.
- Iluminação: Uso de iluminação natural, já que a maioria das imagens serão tiradas ao ar livre.
- Edição: Minimizar o uso de filtros artificiais, mantendo a fotografia o mais próximo possível da realidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste memorial, busquei detalhar o projeto experimental que culminou no especial multimídia *Bebedeira do Fumo: o preço amargo do cultivo do tabaco*, material que teve como objetivo abordar as problemática da produção de tabaco para a saúde dos trabalhadores rurais de Alagoas.

A ideia inicial era fazer uma grande reportagem multimídia que contasse com um podcast sobre as destaladeiras de fumo de Arapiraca e um minidocumentário sobre o processo de fazer o fumo de rolo, no entanto, não foi nada fácil fazer a função de produtora, repórter, fotógrafa, designer e editora web da produção, e foi preciso descartar a ideia do podcast e do minidocumentário para poder dar mais fôlego ao texto da grande reportagem.

Durante a execução do projeto, algumas dificuldades foram encontradas no processo de apuração, como o baixo acervo de materiais que tratassem especificamente sobre a problemática do fumo no estado de Alagoas, a falta de dados quantificáveis a respeito da saúde do trabalhador rural do tabaco, uma vez que não há registros e monitoramento de casos recentes de intoxicação por agrotóxico ou por nicotina, e as dificuldades de locomoção até o município que atrapalharam o registro fotográfico durante as pautas.

Apesar disso, consegui, com o auxílio e orientação da Profa. Dra. Michele Tavares, contornar todas as dificuldades para que o projeto fosse executado da melhor forma possível. Este trabalho contribuiu significativamente para a minha formação como jornalista e para o jornalismo em si, sendo a primeira grande reportagem multimídia sobre a temática do fumo da região nordeste, de modo que incentiva novos trabalhos sobre o tema e serve de base para novas pesquisas na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A VERDADE sobre a produção de tabaco no Brasil. **Sinditabaco**, 2025. Disponível em <https://www.sinditabaco.com.br/item/a-verdade-sobre-a-producao-de-tabaco-no-brasil/>. Acesso em 28 mar. 2025.

AGROLINK. Fumo (editoria). **Agrolink**, 2025. Disponível em: <https://www.agrolink.com.br/culturas/fumo>. Acesso em 31 mar. 2025.

BARANCELLI, M; PERONDI, M; TRINDADE, L. Doenças ocupacionais na fumicultura: os riscos percebidos pelos trabalhadores rurais do Paraná. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau, v. 5, n. 3, p. 82-110, 2017, DOI: 10.7867/2317-5443.2017v5n3p085-110. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327027409_Doencas_ocupacionais_na_fumicultura_os_riscos_percebidos_pelos_trabalhadores_rurais_do_Parana?enrichId=rgreq-99bd6f50942a53cc5c0b0a29982db6fe-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzMyNzAyNzQwOTtBUzoxMDYzMjM2NDA5NDk5NjUwQDE2MzA1MDY3MjI0Njg%3D&el=1_x_2&_esc=publicationCoverPdf. Acesso em 29 mar. 2025.

DANTAS, Zé. Samarica Parteira. In: GONZAGA, Luiz. **Sangue Nordestino**. São Bernardo do Campo: Odeon, 1973. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/392697/>. Acesso em 30 mar 2025.

DOMINGO ESPETACULAR. **Doença atinge milhares de pessoas que vivem da plantação de tabaco**. YouTube, 3 out. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xwwcV78aWoI>. Acesso em: 30 mar. 2025.

EXPORTAÇÕES de tabaco alcançam quase US\$ 3 bilhões em 2024. **Sinditabaco**, 2025. Disponível em: <https://www.sinditabaco.com.br/irati-sedia-seminario-sobre-trabalho-decente-na-producao-de-tabaco-2/#:~:text=Para%20o%20futuro%2C%20o%20executivo,exportado%20em%20d%C3%B3lares%20no%20per%C3%ADodo>. Acesso em: 25 de mar. 2025.

FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia (Org.). **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil: organização, sustentação e rotinas produtivas**. São Paulo: ECA-USP, 2021. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003051782.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2025.

GLOBO RURAL. **Produtores recebem orientações para diminuir casos da doença da folha verde do tabaco**. Globoplay, 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3676110/?s=0s>. Acesso em: 30 mar. 2025.

GLOBO RURAL. **Produção de fumo pode causar riscos à saúde do agricultor**. Globoplay, 2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3385097/?s=0s>. Acesso em: 30 mar. 2025.

GLOBO RURAL. **Cultura do tabaco prejudica a saúde dos produtores do RS**. Globoplay, 2015. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3899200/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

HUNTER, Mark Lee *et al.* A Investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos, UNESCO: Montevideo, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000226456>. Acesso em: 26 de mar. 2025.

HEEMANN, Fabiane. **Cultivo do tabaco no sul do Brasil: doença da folha verde e outros agravos à saúde**. Orientador: Dr. Fernando Gonçalves Amaral. 2009. Dissertação (Mestrado em engenharia de produção) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

INCA - INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA; SECRETARIA-EXECUTIVA DA COMISSÃO NACIONAL PARA IMPLEMENTAÇÃO DA CONVENÇÃO-QUADRO PARA CONTROLE DO TABACO. **Convenção-Quadro para Controle do Tabaco: texto oficial**. Rio de Janeiro, INCA, 2015. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//convencao-quadro-para-controle-do-tabaco-texto-oficial.pdf> Acesso em: 11 nov. 2024.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 30 mar 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção de Fumo em Alagoas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/fumo/al>. Acesso em 28 mar. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção Agrícola Municipal 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/arapiraca/pesquisa/14/0>. Acesso em 30 mar. 2025.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Record: Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <https://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf> Acesso em: 25 mar. 2025.

LONGHI, Raquel Ritter. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. **Revista Estudos em Comunicação**, Covilhã, v. 7, n.2, p. 149-161, Maio de 2010.

LONGHI, Raquel Ritter. Grande reportagem multimídia ontem e hoje. *In*: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 12., 2014, Santa Cruz do Sul. **Anais [...]** Brasília: SBPJor, 2014. Disponível em: jortec.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/bp-attachments/520/Longhi_SBPJor_2014.pdf Acesso em: 26 mar. 2025.

LOPES, Fernando *et al.* Guia de Cobertura Jornalística do Agronegócio. INSPER - Centro de Agronegócio Global, 2022. Disponível em: <https://agro.insper.edu.br/storage/books/September2023/Guia-de-cobertura-Material-do-curso-Agronegocio.pdf>. Acesso em 01 mar 2024.

OLIVEIRA, P. *et al.* First reported outbreak of green tobacco sickness in Brazil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.26, n.12, p. 2263-2269, dez. 2010, DOI: 10.1590/S0102-311X2010001200005. Disponível em: <https://cadernos.ensp.fiocruz.br/ojs/index.php/csp/article/view/4265> Acesso em: 27 mar. 2025.

PAUMGARTTEN, F; GOMES-CARNEIRO, M; OLIVEIRA, A; O impacto dos aditivos do tabaco na toxicidade da fumaça do cigarro: uma avaliação crítica dos estudos patrocinados pela indústria do fumo. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.33, n.3, p. 1-24, 2017, DOI: 10.1590/0102-311X00132415. Disponível em: [CSP_1324_15_Impact_pt.indd](#) Acesso em: 22 de mar. 2025.

REIS, Marcelo Moreno dos. **Subsídios para diretrizes: para atenção integral à saúde dos trabalhadores e trabalhadoras da fumicultura**. Cetab/Ensp/Fiocruz: Rio de Janeiro, 31

mai. 2022. Disponível em: <https://tabaco.ensp.fiocruz.br/pt-br/subsidios-para-diretrizes>
Acesso em: 26 mar. 2025.

REIS, M. *et al.* Conhecimentos, atitudes e práticas de agricultoras sobre o processo de produção de tabaco em um município da Região Sul do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.33, n.3, p. 148-161, 2017, DOI: 10.1590/0102-311X00080516. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00080516> Acesso em: 31 de mar. 2025.

RIQUINHO, D.; HENNINGTON, E. Cultivo do tabaco no sul do Brasil: doença da folha verde e outros agravos à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 4797-4808, dez. 2014. DOI: 10.1590/1413-812320141912.19372013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320141912.19372013> Acesso em: 25 de mar. 2025.

ROVIDA, Mara Ferreira. **Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica**. Líbero, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 77-88, jan./jun. 2015.

SANTOS, Ana Paula Teodoro dos. **A reestruturação do território da região fumageira de Alagoas**. Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia da Conceição Gomes. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/18974/1/AnaPTS_DISSERT.pdf . Acesso em: 25 de mar. 2025.

SANTOS, Daniel Alves dos. **Arapiraca no estado de Alagoas: História, discurso e (arte) fatos na invenção da terra do fumo - (1950-1990)**. Orientador: Prof. Dr. Carlos de Oliveira Malaquias. 2020. Dissertação (Mestrado em história) - Universidade Federal de Sergipe, 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/14054> Acesso em: 26 de mar. 2025.

SANTOS, Yara Medeiros dos. **Jornalismo visual nas narrativas da grande reportagem brasileira**. Orientador: Prof. Dr. José Afonso Silva Junior. 2020. Tese (Doutorado em comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/37638/1/TESE%20Yara%20Medeiros%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2025.

TORRES, Raquel. Como vivem os plantadores de fumo de rolo em Alagoas. **O Joio e o Trigo**, 18 jan. 2023. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2023/01/como-vivem-os-plantadores-de-fumo-de-rolo-em-alagoas/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

APÊNDICES

Pautas:

As pautas foram ajustadas à medida que eu ia encontrando mais informações sobre o tema e as entrevistas com cada produtor sempre iam dando novos desdobramentos para a grande reportagem como um todo. Ao final do processo de apuração, essas foram as pautas de cada eixo:

Pauta 1 - Uma vida entre folhas de fumo:

Proposta: Na construção desse primeiro momento da reportagem, a ideia é adentrar no tema e conhecer melhor trabalhadores de fumo e sua relação com o produto.

Encaminhamento: Para isso, conversamos com agricultores e familiares, visitaremos plantações de fumo, captaremos imagens e faremos uma pesquisa de dados disponíveis sobre o fumo na região. Além disso, conversaremos com fontes oficiais e especializadas sobre o assunto que possam esclarecer questões relacionadas a problemas encontrados durante as visitas.

Informações: Segundo o material desenvolvido pelo Centro de Estudos sobre Tabaco e Saúde Fiocruz da Fiocruz, intitulado “Subsídios para diretrizes para atenção integral à saúde dos trabalhadores e trabalhadoras da fumicultura”, no mundo, aproximadamente 1,1 bilhão de pessoas consomem produtos do tabaco em todas as suas formas: fumado, aspirado ou mascado. Três países são responsáveis por plantar mais de 60% da matéria prima para a fabricação desses produtos, entre os quais o Brasil que atende a mais de 11% dessa gigantesca demanda global. Aproximadamente 140 mil famílias brasileiras estão envolvidas na produção de folhas de fumo, a maior parte na Região Sul do País.

Segundo o IBGE, o Brasil produziu 626.649 toneladas de fumo em 2024, dessas, 14.221 toneladas foram produzidas no estado de Alagoas, o maior produtor de fumo do nordeste.

Fontes:

José Mirin dos Santos (Agricultor) e Josefa dos Santos (Agricultora)

1. Entrevista realizada de forma presencial, dia 31 de agosto de 2024 (sábado), às 15h, no Povoado Capim (Zona Rural de Arapiraca).
2. Perguntas:
 1. Como você entrou na cultura de cultivo do fumo?
 2. Como são aplicados os agrotóxicos da sua produção? Precisa usar muitos?

3. Quanto tempo dura todo o ciclo produtivo do fumo? Em que mês começa e termina?
4. Quantas pessoas trabalham durante esse processo?
5. Você prepara o fumo para ser vendido? (Enrolando, destalando...?) ou vende para atravessadores?
6. Você já pensou em sair desse ramo? o que ainda te mantém?
7. Ainda vale a pena cultivar?
8. Você ou algum familiar/trabalhador já adoeceu por causa do manejo do fumo?
9. Você sente alguma alteração na sua saúde no período de “quebrar o fumo”?
10. Você recebe algum auxílio do município/ estado com EPIs, palestras..?

Marcelo Moreno - Engenheiro de segurança do trabalho, especialista em saúde do trabalhador e coordenador do Centro de Conhecimento para os artigos 17 e 18 da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT/OMS)

- Entrevista realizada de forma online, via Meet, dia 31 de Janeiro de 2025, às 15h.
- Perguntas:
 3. Quais são as principais doenças que um trabalhador rural sofre durante o serviço?
 4. O que é a DFVT e como ela pode ser evitada? Porque ela demorou tanto a ser registrada no Brasil? Há invisibilidade do produtor para o poder público?
 5. Quais são as principais dificuldades no seu controle?
 6. Sobre agrotóxicos, o quanto eles são prejudiciais para a saúde de um trabalhador? Como prevenir? Quais os riscos de não usar os EPIs durante o trabalho?
 7. Quais são as principais dificuldades na implementação dos EPIs? Falta de acesso ou resistência?
 8. Em campo, como você tem visualizado o nível de informações sobre as doenças entre os trabalhadores? Há muita falta de informação e/ou desinformação?
 9. Como as indústrias têm dificultado a implementação de práticas que protejam o trabalhador? E a proteção do meio ambiente?

Rafaella Albuquerque - Secretária municipal de saúde de Arapiraca

- Entrevista realizada de forma presencial, dia 6 de dezembro de 2024 (sexta), às 10h, na Prefeitura de Arapiraca, localizada no bairro Santa Edwiges.
- Perguntas:
 1. O que a secretaria tem feito pela saúde dos produtores de fumo?
 2. Há um mapeamento das doenças relacionadas ao trabalho com o fumo? Há registro desses dados? Onde estão disponíveis?
 3. Como são feitas as campanhas de conscientização sobre doenças relacionadas ao trabalho com o fumo?
 4. A secretaria provê EPIs para os trabalhadores?
 5. A última notícia no site da prefeitura relacionada ao fumo foi feita em 2021 e diz respeito ao fim do Mofo azul na plantação. Se há campanhas de conscientização sobre a saúde dos trabalhadores, por que não há divulgação?
 6. A quem as campanhas alcançam? Onde são realizadas?

Josimar Silva - secretário-adjunto da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural de Arapiraca

- Entrevista realizada de forma online, via mensagens de WhatsApp. Perguntas enviadas dia 28 de Janeiro de 2025 (terça), às 17h30, com respostas recebidas dia 4 de fevereiro de 2025, às 18h.
- Perguntas:
 1. Como tem sido a produção de fumo em Arapiraca nos últimos anos? Houve queda? Houve aumento dos custos de produção?
 2. Qual é o percentual de produção atual? Quanto tem sido plantado e qual outra cultura de se destacado na região?
 3. Quais são as ações que têm sido feitas pela secretaria para diminuir os efeitos negativos da produção de fumo para a saúde dos trabalhadores rurais?
 4. Há ações de prevenção e conscientização de doenças como a Doença da Folha Verde do Tabaco e as intoxicações causadas por agrotóxicos? Com que frequência isso tem sido feito?
 5. EPIs são de fácil acesso para os produtores? Há distribuição e/ou incentivo ao uso desses equipamentos?
 6. Arapiraca oferece alternativas viáveis para os produtores que desejem migrar do fumo para outra cultura? Como isso tem sido feito?

Conceição* - Ex-trabalhadora do fumo (*Nome fictício para proteger a identidade da entrevistada)

- Entrevista realizada de forma presencial, dia 1 de setembro de 2024, às 11h30
- Perguntas: Diferente das demais entrevistas, a entrevista com Conceição foi mais espontânea, deixei que ela conduzisse a conversa sobre como era a realidade da época e, sem interromper sua linha de raciocínio, fiz algumas perguntas para perguntar alguns detalhes de coisas que ela ia contando.

Pauta 2 - Do plantio à venda

Proposta: Neste eixo a ideia é trazer o fumo de forma mais visual e didática, mostrando como funciona o ciclo produtivo do fumo em Arapiraca, quando inicia, quando termina, quais são os principais agrotóxicos utilizados, e as principais doenças nas quais os trabalhadores estão expostos em cada uma das etapas.

Encaminhamento: Para obter esses dados, conversei com trabalhadores rurais e engenheiros agrônomos sobre o processo, e pesquisei trabalhos de pesquisa já existentes sobre o assunto.

Informações: Segundo a reportagem produzida pelo O Joio e o Trigo em 2023, a produção do tabaco leva cerca de cinco meses desde a semeadura até o início da colheita, mas os trabalhadores ficam envolvidos com a safra durante quase o ano inteiro. Entre março e setembro eles preparam mudas e o solo, transplantam as mudas para os canteiros, cuidam do desenvolvimento das plantas e colhem as folhas. Ainda segundo a reportagem, o que diferencia a produção do fumo claro (da região Sul) do fumo escuro (da região nordeste) é que, na variedade clara mais comum no Sul do Brasil, chamada Virginia, as folhas colhidas são curadas (secas) durante alguns dias em estufas, em geral com uso de lenha. Depois, são classificadas e vendidas para as empresas de fumo, que fazem o beneficiamento e a comercialização. Já com o fumo de corda, a curagem acontece em duas etapas. A primeira etapa é pendurar as folhas de fumo em varais de bambu para secar por duas ou quatro semanas. A segunda é a “destalação”, retirada dos talos do fumo com uma faca, apenas depois disso o fumo é enrolado.

Fontes:

Mariana Bernardino - Engenheira Agrônoma

- Entrevista realizada de forma presencial, dia 31 de agosto de 2024 (sábado), às 16h30, no Povoado Capim (Zona Rural de Arapiraca).
- Perguntas:
 1. Como funciona o ciclo produtivo do fumo?
 2. Quais são as diferenças do fumo de Arapiraca para o fumo da região sul do país?
 3. Por que há tanta necessidade de agrotóxicos na plantação de fumo?
 4. Qual o impacto dessa plantação para o solo e para o meio ambiente?
 5. O que tornou Arapiraca um local tão fértil para o fumo?
 6. Qual o impacto do excesso ou da falta de chuvas na plantação de fumo?

Pauta 3 - Movimentos antitabagistas x indústria:

Proposta: No último eixo a ideia é abordar a sequência de fatos e estudos que levaram à associação do fumo a doenças, tanto para quem consome quanto para quem trabalha no processo de produção, e trazer a indústria do tabaco como uma dificultadora nesse processo.

Encaminhamento: Para isso foram feitas pesquisas documentais, atenta à cronologia dos acontecimentos, a fim de traçar uma “linha do tempo” das descobertas relacionadas ao tabaco. Além disso, entrevistei uma geógrafa, que estuda a relação do fumo com o território, e retomei alguns pontos da entrevista com o secretário-adjunto de desenvolvimento rural de Arapiraca para explicar como tem sido a relação do município com o fumo atualmente.

Informações: Segundo o documento Subsídios para Diretrizes para Atenção Integral à Saúde dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Fumicultura, feito pelo Centro de Estudos sobre Tabaco e Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (Ensp/Fiocruz), em 2003, a Assembleia Mundial da Saúde promulgou a Convenção-Quadro Para o Controle do Tabaco (CQCT), que foi o primeiro e único tratado de saúde pública do mundo, criado para responder aos desafios impostos pela expansão da epidemia do tabagismo diante da globalização e com objetivo de proteger gerações presentes e futuras das consequências à saúde bem como sociais, ambientais e econômicas devastadoras do consumo de tabaco. O Estado brasileiro, ao ratificar a CQCT, em 2005, comprometeu-se diante das Nações Unidas, comunidade internacional e toda a população brasileira, a cumprir os artigos do tratado.

- Convenção-quadro para Controle do Tabaco (2003):

Artigo 17

Apoio a atividades alternativas economicamente viáveis

As Partes, em cooperação entre si e com as organizações intergovernamentais internacionais e regionais competentes promoverão, conforme proceda, alternativas economicamente viáveis para os trabalhadores, os cultivadores e, eventualmente, os varejistas de pequeno porte.

Artigo 18

Proteção ao meio ambiente e à saúde das pessoas

Em cumprimento às obrigações estabelecidas na presente Convenção, as Partes concordam em prestar devida atenção, no que diz respeito ao cultivo do tabaco e à fabricação de produtos de tabaco em seus respectivos territórios, à proteção do meio ambiente e à saúde das pessoas em relação ao meio ambiente.

Fontes:

- Ana Paula Santos - mestre em geografia
- Entrevista realizada de forma online, via Meet, dia 13 de Janeiro de 2025, às 14h30
- Perguntas: Assim como a entrevista de Conceição, a entrevista com Ana Paula teve mais um tom de conversa para que ela explicasse a relação do território alagoano com o fumo, tema estudado por ela durante o mestrado